PARA TODOS...
BIBLIOTHECA NACIONAL
RIO DE JANEIRO
CONT. LEGAL
ANNO XII
NUM. 586
8 MARÇO
1930
PREÇO
1$

GRANDE CONCURSO DE CONTOS BRASILEIROS

"O MALHO" — que é uma das mais antigas revistas nacionaes — considerando o enorme successo que vem despertando entre os novos contistas brasileiros e o publico em geral, a literatura ligeira, de ficção ou realidade, cheia de interesse e emoção, resolveu abrir em suas paginas um GRANDE CONCURSO DE CONTOS BRASILEIROS, só podendo a elle concorrerem contistas nacionaes e recompensando com premios em dinheiro os melhores trabalhos classificados.

Os originaes para este certamen, que poderão ser de qualquer dos generos — tragico, humoristico, dramatico ou sentimental — deverão preencher uma condição essencial: serem absolutamente inéditos e originaes do autor.

Assim procedendo, "O MALHO" tem a certeza de poder ainda mais concorrer para a diffusão dos trabalhos literarios de todos os escriptores da nova geração, como ainda incentival-os a maiores expressões para o futuro, offerecendo aos leitores, com a publicação desses contos, em suas paginas, o melhor passa-tempo nas horas de lazer.

CONDIÇÕES

O presente concurso se regerá nas seguintes condições:

1ª — Poderão concorrer ao Grande Concurso de Contos Brasileiros de "O MALHO" todos e quaesquer trabalhos literarios de qualquer estylo ou qualquer escola.

2ª — Nenhum trabalho deverá conter mais de 10 tiras de papel almasso dactylographadas.

3ª — Serão julgados unicamente os trabalhos escriptos num só lado de papel e em letra legivel ou á machina em dois espaços.

4ª — Só poderão concorrer a este certamen contistas brasileiros, e os enredos, de preferencia, versarem sobre factos e coisas nacionaes, podendo, no emtanto, de passagem, citar-se factos estrangeiros.

5ª — Serão excluidos e inutilizados todos e quaesquer trabalhos que contenham em seu texto offensa á moral ou a qualquer pessoa do nosso meio politico ou social.

6ª — Todos os originaes deverão vir assignados com pseudonymo, acompanhados de outro enveloppe fechado com a identidade do autor, tendo este segundo, escripto por fóra, o titulo do trabalho.

7ª — Todos os originaes literarios concorrentes a este concurso, premiados ou não, serão de exclusiva propriedade desta empresa, para a publicação em primeira mão, durante o prazo de dois annos.

8ª — E' ponto essencial deste concurso, que os trabalhos sejam inéditos e originaes do autor.

PREMIOS

Serão distribuidos os seguintes premios aos trabalhos classificados:

1º logar .... Rs. 300$000

2º logar .... Rs. 200$000

3º logar .... Rs. 100$000

4º, 5º e 6º collocados, cada.. Rs. 50$000

Do 7º ao 15º collocados (Menção Honrosa) — Uma assignatura semestral de qualquer das publicações: "O Malho", "Para todos...", "Cinearte" ou "Tico-Tico".

Serão ainda publicados todos os outros trabalhos que a redacção julgar merecedores.

ENCERRAMENTO

O presente GRANDE CONCURSO DE CONTOS BRASILEIROS será encerrado no dia 28 de Junho de 1930, para todo o Brasil, recebendo-se, no emtanto, até 3 dias depois dessa data, todos os originaes vindos do interior do paiz, pelo correio.

JULGAMENTO

Após o encerramento deste certamen, será nomeada uma imparcial commissão de intellectuaes, criticos e escriptores para o julgamento dos trabalhos recebidos, commissão essa que annunciaremos antecipadamente.

IMPORTANTE

Toda a correspondencia e originaes referentes a este concurso deverão vir com o seguinte endereço:

Para o "GRANDE CONCURSO DE CONTOS BRASILEIROS" — Redacção de "O MALHO" — Travessa do Ouvidor, 21 — Rio de Janeiro.

Revista semanal, propriedade da Sociedade Anonyma "O Malho". Directores Alvaro Moreyra e J. Carlos. Director - gerente Antonio A. de Souza e Silva.

Assignaturas: Brasil - 1 anno, 48$000; 6 mezes, 25$000. Estrangeiro - 1 anno, 85$000; 6 mezes, 45$000. As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas e serão acceitas annual ou semestralmente. "Para todos..." apparece aos sabbados e publica, todos os annos, pelo Natal, uma edição extraordinaria.

La Fayette julgado por seus contemporaneos

OS historiadores mostram-se muito indulgentes para com La Fayette. Facilmente esquecem que esse politico pusillanime desencadeou tempestade que não soube dominar.

A esse estrategista faltava o golpe de vista; foi um general sem previsão, sem decisão.

Depois de haver sublevado as massas populares, e as conduzido temerariamente, foi obrigado quando corriam para o crime seguil-as, embora contra a vontade, para logo abandonal-as covardemente.

Durante muito tempo preferiram lembrar da honestidade de sua vida privada, do ardente enthusiasmo que o levou á America, á essa guerra de "patrulha", onde se "decidiam os maiores interesses do universo", e onde "esse illustre cidadão dos dois mundos" trouxe, e conservou para o resto da vida, o culto da liberdade.

Porém, desprezar o julgamento dos contemporaneos, é correr o risco de cahir na lenda e no erro, esses dois grandes inimigos da historia. E, se despojar a mentira, é enriquecer a verdade. Voltemo-nos, pois, para as testemunhas as mais authenticas do seu tempo.

O joven general occultava, sob fria apparencia, uma imaginação ardente.

Era um revolucionario de "Salão vermelho", que dissimulava suas novas idéas sob as maneiras fidalgas de marquez. Era ambicioso e altivo, gostava de estar sempre em primeiro logar, e de chamar attenção sobre si.

Quando elle voltou da America, o duque de Chosseuil, depois de recebel-o em Chanteloup, declarou:

— "Esse grande homem não é mais que um grande Gilles!"

A côrte não foi mais indulgente, e as numerosas provas que recebeu do rei, não apagaram as offensas feitas á sua vaidade.

Por essa occasião já despertava em La Fayette essa rijeza desastrada, que mais tarde levou-o a dizer ao rei:

— Se fosse preciso escolher entre o povo e o rei, sabeis muito bem, Sire, que eu seria contra o rei!

Não menos rudemente teria dito á Maria Antonietta:

— "Tudo aquillo que chamam direitos da familia ao throno, não existe para mim!"

Suas maneiras conservavam-se fidalgas, porém, suas palavras eram de tal modo asperas, que justificam essa exclamação da rainha:

— "O Sr. de La Fayette é bondoso para com todos, excepto para com os reis."

Riravol dizia que, se elle recusava inclinar-se diante da côrte, era para melhor humilhar-se na rua.

De facto, em 1759 La Fayette trata de cultivar a sua popularidade. Não é indulgente e delicado só para com a plebe, adula tambem todos os inferiores, e muitas vezes, em sua casa, conduzia até o patamar da escada, os guardas cobertos de farrapos e de lama".

Chega finalmente a sua hora de gloria, seu verdadeiro reino: a creação dessa Guarda Nacional, onde todos querendo um posto, não teriam mais soldados.

General de farça, num exercito de burla, multiplica as paradas, as benções das bandeiras, as reuniões, os bailes, as festas e os banquetes militares.

Seu filho, com a idade de 10 annos, era segundo tenente no districto da Sorbonne.

Applaudiam La Fayette na rua, e na Opera, em todo o logar o festejavam. Em sua honra queimam fogos de artificio na igreja de Notre Dame.

Era o "Bloudinett" dos parisienses, e o caro general dos "Bluets".

E' o tempo feliz, onde montado em seu cavallo branco, tinha o ar de "galopar nos seculos futuros"!

Bem depressa, porém, a sorte muda. Agora todos o ridicularisam. Os realistas riem-se do seu "patrouillotisme", e chamam a sua bonhomia conciliadora de "unguento nacional".

As caricaturas representava-no empoleirado sobre um bastão de marechal, procurando prender a lua com os dentes. Com o seu nome fizeram um anagramma: "Deitefatale".

Uma embaixatriz disse com ironia:

— "A reputação do grande general assemelha-se a uma vela que só brilha para o povo, e que exala máo cheiro quando se apaga".

A duqueza de Biron, recebe no theatro cascas de maçãs, apressa-se em envial-as a La Fayette e escreve-lhe: — "Eis ahi os primeiros frutos da revolução que me chegam ás mãos!"

Por sua vez, a guarda avançada não está contente, acha que Motier é um "revolucionario á agua de rosas".

Essa rapida popularidade declina de cinco para seis de Outubro.

Em vez de acalmar o motim, La Fayette acompanha-o. Chega a Versailles atraz do povo, e, ás cinco horas da manhã, contrario á previsão do ultimo cabo, encarregado de levantar o posto, La Fayette acreditando estar tudo apaziguado, atira-se sobre o leito e dorme. Ao despontar do dia elle deveria estar em todo logar, entretanto, não era encontrado em parte alguma.

Somno infeliz, sinão culpavel.

Ideas de Gribouille de jogar o rei em pleno perigo, para depois o salvar.

Nesse meio tempo, no restaurant "l'Œil-de-bœuf", davam-lhe o appellido de: "Cromwell", general "la Pique, Gille-Cesar", e commandante da canalha parisiense.

Em Paris dão-lhe outros appellidos: o "somnolento de Versailles", o "General das Dormideiras", o "General Morpheu", o "General Arco-Iris", porque só brilha após a tempestade.

O abbade Delille escreve: — que o marquez "velava pelos bandidos e dormia para o seu rei!"

Os mais indulgentes diziam: — "E' preciso não se queixar de La Fayette, pois nesses dias as mulheres mandam nos soldados, os soldados nos officiaes, e todo o mundo no general!"

A fugida de Varennes acaba de perdel-o na opinião publica.

Na vespera da evasão, elle affirma a Bailly que as Tuilleries estão tão guardadas "que nem um camondongo poderia sahir".

No dia seguinte, quando nos "Jacobinos", Danton accusa-o violentamente, elle desculpa-se com indifferença:

— "De que se queixam? E' a extincção da lista civil: cada cidadão ganha vinte "sous" de renda!"

Depois do dia 10 de Agosto La Fayette foi considerado trahidor da Patria. Queimam o seu retrato no Palais Royal. Em todo o logar representam-no dependurado numa forca: um aristocrata puxa-o por um pé, e um democrata pelo outro.

O general lembra-se então da predicção do velho Frederico II, de quem foi hospede durante oito dias, em 1785. Decripito, coberto de "Sabac d'Espagne", a cabeça voltada para seu lado, os dedos deformados pela gotta, porém, conservando esse olhar claro e penetrante que ha no futuro, o velho soberano contou-lhe sobre fórma de apologo:

— "Conheci um joven que, depois de visitar todos os paizes onde reinava a liberdade e a legalidade, lembrou-se de instabelecer tudo isso na sua patria. — Sabeis o que lhe aconteceu?

— Não, Sire!

— Foi enforcado!"

La Fayette é, em summa, o typo desses legisladores retoquistas que fazem primeiro as leis e querem depois formar uma humanidade para essas leis.

O general conservou-se até o fim da vida partidario dos Direitos do homem. Tudo o mais lhe parecia "um accente deploravel".

La Fayette, sem regra fixa de conducta, enganado pelos outros e por si mesmo, foi um politico dos mais equivocados. Combatia a realeza e logo lhe offerecia os seus serviços. Demolia o throno em vespera de o restabelecer.

Democrata na monarchia, monarchista na democracia, procurava sem descanso um accôrdo da sua cara liberdade com todos os regimens, passava a vida impedindo a realeza de matar a Republica, e a Republica de acabar com a realeza.

Repetia sempre: — "Quero uma monarchia popular !" e calava-se quando lhe perguntavam: — "E por que não uma democracia real ?"

Henri Heine compara-o, muito acertadamente, a um conselheiro do povo, governador indulgente e ingenuo, que sob pretexto de vigiar e proteger o seu pupillo, acompanha-o aos peores logares, e, incapaz de reprimir os seus escandalos, auxilia-o em perigosas aventuras".

— "No apogeu de sua popularidade, — allega Mme. Recamier, em fórma de desculpa, nunca pediu uma cabeça."

E Beranger responde sorrindo:

— "E elle bem precisava de uma."

Laffitte disse tambem de La Fayette:

— "E' um monumento que passeia á procura de um pedestal."

— "E' um tolo, affirma Napoleão, um tolo sem talento, nem civil nem militar. Espirito acanhado, caracter dissimulado, dominado por idéas vagas de liberdade, mal dirigidas, e mal concebidas."

Se La Fayette nunca commetteu atrocidades foi, entretanto, espectador indolente.

Em circumstancias que exigiam energia e severidade, não teve mais que prudencia e sangue frio. Não foi notavel nem no bem, nem no mal e, é sobretudo a essa attitude mal definida que viveu através de tantas revoluções sua isenção de glorias.

Sua probidade perfeita susteve sempre as calumnias provocadas pelo odio.

Elle não mereceu nem um altar, nem o cadafalso.

Não teve na sua politica nem os meios, nem a superioridade de um primeiro papel.

Pensou representar o Washington francez, porém, não escreveu mais que o emprego subalterno desse creado de tragedia, que só apparecia no fim da peça, para levar o cadaver.

Outro julgamento sobre La Fayette.

Entre os julgamentos recentes sobre La Fayette, ha um que sobresae dentre todos, fulminante e definitivo, de suas "Cartas de prisão, e cartas de exilio".

———

La Fayette, muito joven ainda, já não sabia dominar-se, e entregava-se sem constrangimento aos impulsos de sua sensibilidade.

Embora não tivesse se descuidado de sua cultura intellectual, ella, entretanto, era restricta, e resentia-se da educação paterna.

Aos quatorze annos entrou para uma companhia de mosqueteiros do rei. Aos dezeseis era segundo tenente no regimento de Noailles; sete mezes depois casava-se, um mez mais tarde era nomeado capitão de dragões.

Aos dezenove, pela primeira vez, passou dois annos na America, voltou pela segunda vez com vinte e dois, e aos vinte e sete partiu para a Allemanha.

Em uma tal mocidade, pouco logar havia para a leitura e a meditação.

Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita por vale postal ou carta registrada com valor declarado), deve ser dirigida á Sociedade Anonyma "O Malho", Travessa do Ouvidor, 21, Rio de Janeiro. Endereço telegraphico O Malho-Rio. Telephones: Gerencia : 2-0518. Escriptorio : 2-1037. Redacção : 2-1017. Officinas: 8-6247. Succursal em S. Paulo dirigida pelo Sr. Plinio Cavalcanti, rua Senador Feijó, 27, 8º andar, salas 85 e 87.

Charles Foley

Os grandes acontecimentos, e os personagens extraordinarios, que observaram La Fayette, não lhe reconhecem nenhuma experiencia; nelle a vida do coração sobeja, e não lhe dá tempo para ler "no grande livro do mundo".

Mesmo perto de Washington ficava distrahido, sem suspeitar siquer das intimas angustias, e das lutas de consciencia do homem, nem são pouco dos pesados trabalhos do politico. Não aproveita absolutamente desse soberbo exemplo de perspicacia e de energia moral.

O joven marquez mal preparado pelos seus preconceitos, e por uma situação excepcional, preoccupava-se mais em satisfazer a sua grande paixão de celebridade, que de encontrar uma occasião para manifestar a sua opinião.

———

Não tendo uma superficial concepção da Revolução Americana, La Fayette volta da America ainda menos preparado para a revolução franceza.

Primeiro, confunde summariamente as causas desses dois grandes movimentos, quasi simultaneas, mas fundamentalmente oppostos, e não se detêm, nem mesmo nas condições quasi contrarias nas quaes elles foram concebidos.

"O grande interesse americano, depois da fundação das primeiras colonias, era menor em estabelecer um estado de justiça para a "pessoa humana", em pleno desenvolvimento de sua dignidade, que de constituir uma vigorosa associação, para a exploração de uma terra rica e virgem. Os colonos fizeram a guerra da independencia, para conservar os beneficios dessa exploração.

———

Na sua espontanea simplicidade La Fayette nada disso percebe.

Tornando-se o heroe da burguezia, fez-se o provocador do sentimento contra o antigo regimen.

Gosando da sua popularidade, até a loucura, só pensa em multiplicar as manifestações.

A revolução torna-se uma coisa sua, e entende que ninguem deve agir de uma maneira differente da sua, que e exclusiva, e bem depressa será militante. Admira-se que o seu descontentamento não seja sufficiente para reprimir o curso violento dos acontecimentos.

Acredita, que só a sua presença basta para terrificar a Assembléa. Pensa, que todo o exercito accorrerá ao seu primeiro chamado, nem por um instante duvida, que possa dominar a Revolução e detel-a no ponto onde pára a sua propria concepção politica.

Sabe-se onde o conduziu essa idéa loucamente exaggerada de sua influencia, pois bem depressa foi reduzido a contemplar o mal sem poder remediar.

Esse povo que despreza e que acreditava facilmente, despojar, excitado não deixa mais a sua presa.

A decepção do general accresce de mil difficuldades. Não ha mais enthusiasmo. Adeus gloria! A discordia confunde-se com o arcabuz, e são contestações para conservar a superioridade, intrigas mesquinhas por fim contra os ministros, rivalidades eleitoraes, insolencias e desafios a democracia, depois a tentação de empregar a força de que dispõe em represalias sangrentas.

Uma serie de erros cada qual mais grave, leva-o ao papel de conspirador e ambicioso exaltado.

Finalmente numa crise de depressão moral, La Fayette perturba-se, e perde-se.

Acabrunhado com a sua impotencia, compenetrado do horror de sua situação, nada mais pensa.

———

Seguem-se annos de prisão.

A Restauração, segundo la Charte, reaviva sua illusão; e de novo o seu ideal recúa.

Só em 1830, após trinta e oito annos de "immobilidade e silencio", é que seu sonho encontra um vislumbre de realização...

———

La Fayette nunca foi um verdadeiro chefe de partido, foi apenas um ambicioso convencido, arrastado ás duas maiores revoluções dos tempos modernos, por seu desejo de glorias.

Primeiro, favorecido por uma incrivel serie de felicidades, elle desanima ás primeiras provações, recúa diante dos obstaculos, e voluntariamente, bruscamente, em plena mocidade, retira-se e desapparece.

———

Sem dominio de si mesmo, de vontade fraca, pobre de idéas, após ter sido o promotor de grandes movimentos revolucionarios, não soube nem dirigil-os nem reprimil-os.

Graphologia

AVISO

Temos inutilizado innumeras cartas, umas escriptas em papel pautado, outras não assignadas com o nome legal, e outras finalmente, a lapis.

Fazemos este aviso para que os consulentes não percam mais tempo esperando respostas, e tratem de enviar outros pedidos regularmente, assignados em papel liso. O pseudonymo só é permittido para a resposta.

—

DOLORES DEL RIO (?) — Sua graphia denota inconstancia, volubilidade, dissimulação, calculo, desconfiança. E' tambem reservada, sem deixar de ser bondosa, embora tenha espirito critico, pilherico e um tanto vingativo.

Sentimental, deixa-se commover facilmente, apezar de fingir ser um espirito forte e corajoso.

MYRIAN (Recife) — Pela sua letra, vejo que é bastante intelligente, com decidido pendor para a literatura, decifração de enigmas e todos os problemas que demandem argucia e raciocinio. E' caprichosa, alegre, energica, voluntariosa mesmo. Sou capaz de apostar que é morena de olhos grandes e negros como o cabello e de pequena estatura, como geralmente o são as teimosas, pequenas que têm até um pequeno buço ou bigodinho. Será ? Escreva, Myrian, dizendo si você não é mesmo assim ou eu me enganei, sendo Myrian alta, loura, franzina, melancolica...

KID (Rio) — Letra rapida, sobria, ligada, pequena, revelando tudo isto cultura, actividade, enthusiasmo, sem perder o senso da medida, o equilibrio, a prudencia, a reflexão, que o fazem ser economico, um tanto reservado, meticuloso, com bastante logica, sequencia nas idéas, e facilidade de assimilação. Está satisfeito ? Tome cuidado de, com a idade, não passar de economico a avarento.

DULAIR (Rio) — Pela pronunciada inclinação dos traços da sua graphia, está patente sua grande sensibilidade, sentimentalidade exaggerada, amor proprio susceptivel de se melindrar, fraqueza, talvez anemia.

Ha certo amor ao luxo, ás commodidades, ás grandes viagens e pelo traço com que firma sua assignatura se vê tambem um pouco de espirito vingativo, não se arrependendo depois de ter "tirado a desforra", como se diz vulgarmente.

Noto ainda um principio de perturbações cardio-vasculares. Por que não consulta um especialista ? Proponha-se candidato a um seguro de vida e experimente ver si será acceito pela companhia, após o exame medico... Não pagará cousa alguma por isso.

AYDA (Itabira) — Gratissimo pela gentileza da sua cartinha. Fiquei muito satisfeito com o que disse e breve terá noticias minhas.

ROSELYNE (São Paulo) — Letra movimentada com diversos caracteristicos masculinos, mostrando independencia de caracter, força de vontade, firmeza de idéas, imaginação viva, alegria espontanea, agitação constante, loquacidade.

Tudo isto sem excluir natural bondade, delicadeza e sentimentalidade, com alguma coquetteria, propria das jovens elegantes.

OSA (São Paulo) — Bastante caprichosa sua calligraphia, dando signal de que é um espirito bizarro, excentrico, amigo da originalidade, o que não deixa de ser prova de certo desequilibrio mental.

E' caprichosa, dissimulada, mantendo alguma reserva e desconfiança. Teimosa, a maneira de fazer seu til, diz que liga pouca importancia ao que possam dizer de si, quando se julga em paz com a sua consciencia.

OLAVO (Bello Horizonte) — Confirmo o que já disse anteriormente e, mais ainda, que não teve alteração seu espirito indeciso, irreflectido, arrependendo-se sempre do que faz e cahindo sempre nas mesmas faltas. Continúa a falta de energia, embora se note agora mais um pouco de pressa, de actividade, de precipitação, mesmo.

GRAPHOLOGO

Inscrevei-vos na
CRUZADA PELA EDUCAÇÃO
ENSINANDO A LER
E ESCREVER A TODOS QUE
COMVOSCO VIVEM E TRABALHAM

Banhista solitaria, na praia da Urca

No High-Life Club

— Você tem namorado ?
— Não.
— Ah ! é casada ?
— Não !
— Vive como casada, não é ?
— Absolutamente !
— Não ha homem nenhum na sua vida ?
— Nenhum !
— Então, com quem é que você briga ?

Clinica Medica de "Para todos..."

CACHEXIA FLUORICA

A therapeutica evolue, como todos os ramos da sabedoria humana. Dia a dia, surgem medicamentos novos, e rejeitamos hoje, o que anteriormente nos parecia adequado a combater umas tantas especies de morbus; mas nem todas as novidades pódem ser recommendadas, "a priori", — o que seria a derrocada do senso medico.

Nos ultimos tempos, os compostos fluoricos obtiveram grande fama, emquanto os perigos do seu ingresso na therapeutica sobrepujassem inteiramente as problematicas vantagens resultantes de seu emprego.

Um bom numero de escriptores e de medicos praticos ainda insiste no proposito de utilizar, continuamente e durante longo tempo, o fluoreto de calcio, contra a tuberculose.

Ha profundas convicções relativas á efficacia do alludido medicamento, em varias modalidades da terrivel infecção que o bacillo de Koch traz ao corpo humano.

Para os seus enthusiasticos e extremados partidarios, o fluoreto de calcio é o valoroso athleta que vencerá a peste branca; no entretanto, as recentes observações de **Christiani** e de **Chaurin**, com relação a cachexia fluorica dos animaes, acabam de provar — e de uma fórma irrefragavel — que diminutas dóses de compostos fluoricos, ministradas quotidianamente, vão se accumulando, no organismo que as obsorve e, dentro de um espaço de tempo variavel, produzem um morbus particularissimo, — a "fluoróse".

Os beneficios que o fluoreto de calcio determina, attenuando symptomas tysicos da infecção e produzindo, muitas vezes, sensiveis melhoras, no estado geral dos individuos tuberculosos, não compensam os males decorrentes da cachexia que a prolongada applicação do medicamento origina.

E a enganadora ausencia de perigo immediato não deve em absoluto, desviar a attenção clinica, porquanto as manifestações da cachexia fluorica são, quasi sempre, muito retardatarias, vindo, algumas vezes, após a realização de um longo tratamento, apparentemente inoffensivo, durante dois ou tres annos.

CONSULTORIO

GENA (Campinas) — Regularizada a funcção, cessam todas essas anormalidades. Pela manhã e á noite, use 2 comprimidos ovaricos. Durante os cinco ou seis dias que precedem a época esperada, em logar dos mencionados comprimidos, use pela manhã e á noite, uma capsula de "Apiol Joret et Homolle". Depois de cada refeição principal, tome uma colher (das de sopa) de "Malt Aleol". No momento dos incommodos periodicos, não deve usar nenhum desses remedios.

BABY (São Paulo) — Basta usar: dionina 5 centigrammas, creosal 1 gramma, tintura de polygala 4 grammas, extracto fluido de guaco 6 grammas, xarope de seiva de pinheiro maritimo 100 grammas, xarope de tolú 200 grammas — uma colher (das de sopa) de quatro em quatro horas.

L. I. L. A. (Rio) — Evite todo e qualquer esforço physico ou intellectual. Repouse durante uns quinze dias. Depois de cada refeição principal, tome o "Forxol". Si reapparecerem as crises nevralgicas, use: licor de Hoffmann 30 gottas, analgesina 1 gramma, tintura de valeriana 1 gramma, extracto fluido de mulungú 10 grammas, hydrolato de louro cereja 10 grammas, xarope de lactucario 30 grammas, hydrolato de melissa 120 grammas — tres colheres (das de sopa) por dia.

V. I. E. I. R. A. (São Gonçalo de Sapucahy) — Em face do resultado positivo obtido pelo exame, não ha tempo a perder. Use: bi-iodureto de hydrargyrio 15 centigrammas, tintura de caroba 4 grammas, tintura de cabeça de negro 5 grammas, iodureto de stroncio 6 grammas, extracto fluido de tayuyá 10 grammas, extracto fluido de salsaparrilha 15 grammas, xarope de cascas de laranjas amargas 300 grammas — uma colher (das de sopa) depois de cada refeição principal. Faça, por semana, tres injecções intramusculares, com o "Euesol". Em fricções, sobre os pontos doloridos, empregue o "Analgyl".

A. U. T. A. (Pindamonhangaba) — O estado de fraqueza descripto em sua carta produziu aquellas perturbações. Fortifique o organismo, fazendo, por semana, 3 injecções hypodermicas, com a "Tonikeine", e usando: arrhenal 50 centigrammas, lacto-phosphato de calcio 15 grammas, glycerina 30 grammas, xarope de proto-iodureto de ferro 300 grammas — uma colher (das de sopa) depois de cada refeição principal. Durante as crises dolorosas, use: extracto fluido de gelsemium 50 gottas, benzoato de benzyla 1 gramma, extracto fluido de viburnum prunifolium 2 grammas, xarope de flores de laranjeira 30 grammas, hydrolato de valeriana 120 grammas — uma colher (das de sopa) de tres em tres horas.

E. L. I. E. (Oliveira) — Use, pela manhã, um comprimido de "Hypophysina" e, á noite, um comprimido de "Ovarina". Depois de cada refeição principal, tome quinze gottas de "Prosthenase Galbrun", num calice dagua assucarada. Externamente, empregue: tintura de iodo recentemente preparada 20 grammas, tannino 80 grammas, glycerina neutra 300 grammas — uma colher (das de sopa) num irrigador cheio dagua morna, em lavagens diarias, pela manhã e á noite.

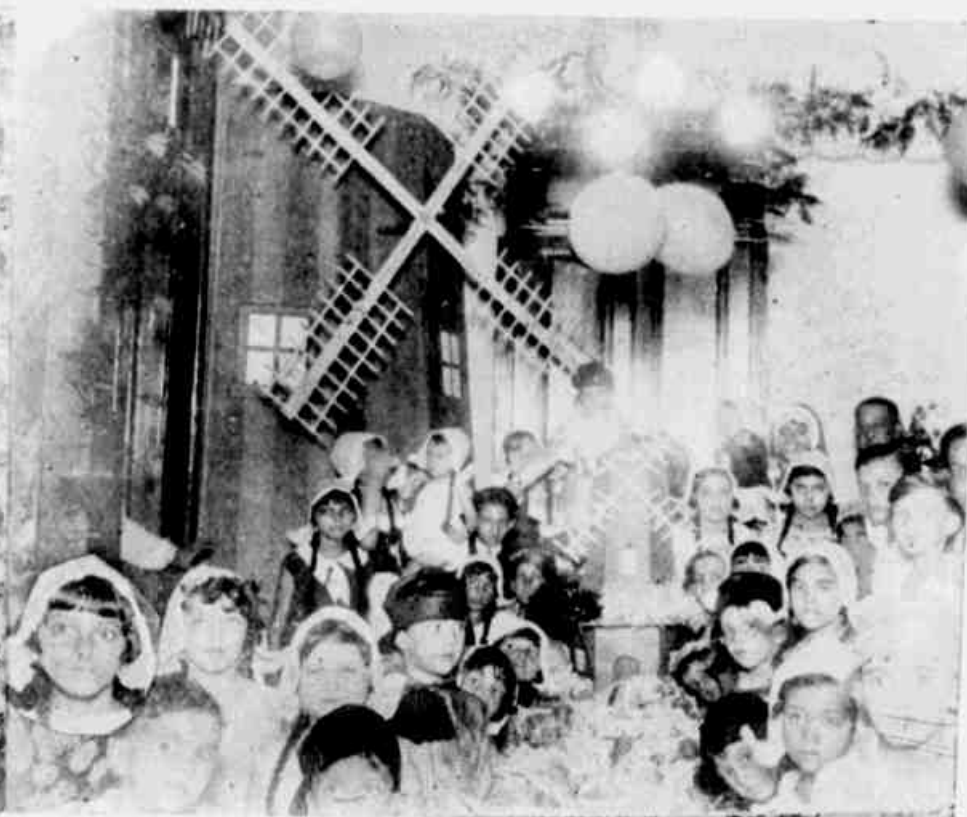
DR. DURVAL DE BRITO

O VELHO QUE PEDE ESMOLAS

(A Paulo Matta Filho)

Tem um velho que pede esmolas na minha rua.
Elle não diz o seu nome porque é pobre...
Chama todo o mundo de "sinhô" porque é preto...
Eu sempre dou esmola ao pobre velho...
Gosto delle. Nunca me fez mal.
Chama-me de "sinhô moço"...
Mas elle tambem sonha.

Hontem me contou um sonho seu...
Sonhou que tinha tirado um bilhete de sorte grande.
Depois tinha comprado, com o dinheiro, um cannavial...
O cannavial era tão verde e tão bonito.
Porém veiu um vento forte e o matto morreu todo...
Quando acordou nem bilhete, nem cannavial, nem vento.
Assim vae vivendo o pobre velho...
Mas eu só gosto delle porque sonha, sonha...

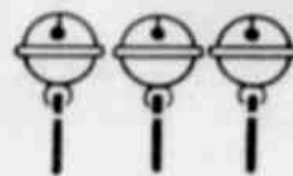
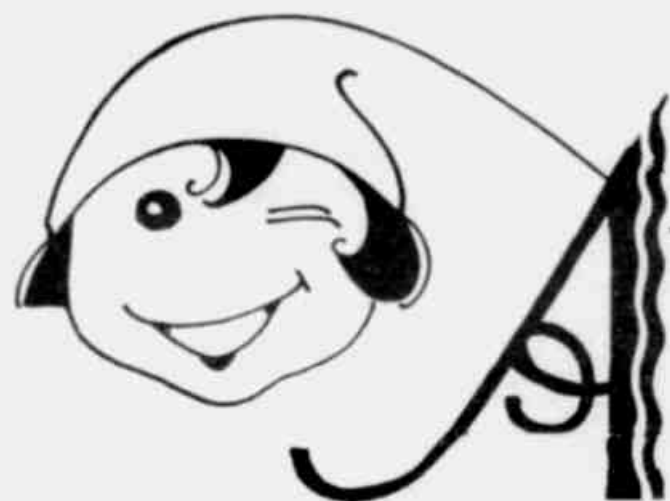
CARLOS J. DUARTE

Festa infantil no Grajahú Tennis Club, e, á direita, anniversario de Sergio Alberto, filho do casal Alberto Barrocas

PROCUREM

as mais bellas canções do Carnaval de 1930 em discos

Distribuidores

Assumpção & Cia. Ltda. - AVENIDA RIO BRANCO, 147 - RIO
PRAÇA DO PATRIARCHA, 6 - S. PAULO

PARA TODOS...

E lá se foi o Carnaval

A CIDADE abre os braços, ainda tonta.

Está com somno, mas não quer dormir.

Como foi? Como foi? Foi bom, bom, bom! Não foi?

A cidade quer cantar, não se lembra, só sabe que aquelle perfume de ether a desvairou, que havia muita musica, uma porção de cantigas tristes e bonitas, a gente cantava, a gente dansava, diziam que era a alegria da cidade e não era. Não era, não.

O Carnaval é a nossa melancolia que enlouquece todos os annos, é a nossa indifferença que vae para os bailes e para as ruas fantasiada de enthusiasmo, é a vontade de divertir-se, não é o divertimento.

Olhe os seus olhos no espelho. Que é que você vê?

Uma resignação que vem do fundo da sua vida, e você nunca pensou porque.

Recorde agora as coisas que lhe interessam: banho de mar, dansa, cinema, football.

Tudo de excesso, de exaggero, de exterior.

E você é intelligente como no mundo não existe ninguem mais intelligente.

Por que será? A culpa não é sua, de certo. A culpa é dos outros. Paciencia. Podia ser peör.

«Na Pavuna
bum, bum, bum!
na Pavuna
bum, bum, bum!
tem um samba
que só dá gente reuna!»

SAMUEL TRISTÃO

A Causa

Desenho de Oswaldo de Goeldi

GARCIA, em pé, mirava e estalava as unhas; Fortunato, na cadeira de balanço, olhava para o tecto; Maria Luiza, perto da janella, concluia um trabalho de agulha. Havia já cinco minutos que nenhum delles dizia nada. Tinham falado do dia, que estivéra excellente, — de Catumby, onde morava o casal Fortunato, e de uma casa de saude, que adiante se explicará. Como os tres personagens aqui presentes estão agora mortos e enterrados, tempo é de contar a historia sem rebuço.

Tinham falado tambem de outra coisa, além daquellas tres, coisa tão feia e grave, que não lhes deixou muito gosto para tratar do dia, do bairro e da casa de saude. Toda a conversação a este respeito foi constrangida. Agora mesmo, os dedos de Maria Luiza parecem ainda tremulos, ao passo que ha no rosto de Garcia uma expressão de severidade, que lhe não é habitual. Em verdade, o que se passou foi de tal natureza, que, para fazel-o entender, é preciso remontar á origem da situação.

Garcia tinha-se formado em medicina, no anno anterior, 1861. No de 1860, estando ainda na Escola, encontrou-se com Fortunato, pela primeira vez, á porta da Santa Casa; entrava, quando o outro sahia. Fez-lhe impressão a figura; mas, ainda assim, tel-a-ia esquecido, se não fosse o segundo encontro, poucos dias depois. Morava na rua D. Manoel. Uma de suas raras distracções era ir ao theatro S. Januario, que ficava perto, entre essa rua e a praia; ia uma ou duas vezes por mez, e nunca achava acima de quarenta pessoas. Só os mais intrepidos ousavam estender os passos até áquelle recanto da cidade. Uma noite, estando nas cadeiras, appareceu ali Fortunato, e sentou-se ao pé delle.

A peça era um dramalhão, cosido a facadas, ouriçado de imprecações e remorsos; mas Fortunato ouviu-a com singular interesse. Nos lances dolorosos, a attenção delle redobrava, os olhos iam avidamente de um personagem a outro, a tal ponto que o estudante suspeitou haver na peça reminiscencias pessoaes do vizinho. No fim do drama, veiu uma farça; mas Fortunato não esperou por ella e sahiu; Garcia sahiu atraz delle. Fortunato foi pelo becco do Cotovello, rua de S. José, até o largo da Carioca. Ia devagar, cabisbaixo, parando ás vezes, para dar uma bengalada em algum cão que dormia; o cão ficava ganindo e elle ia andando. No largo da Carioca entrou num tilbury, e seguiu para os lados da praça da Constituição. Garcia voltou para casa sem saber mais nada.

Decorreram algumas semanas. Uma noite, eram nove horas, estava em casa, quando ouviu rumor de vozes na escada; desceu logo do sotão, onde morava ao primeiro andar, onde vivia um empregado do Arsenal de Guerra. Era este, que alguns homens conduziam, escada acima, ensanguentado. O preto que o servia, accudiu a abrir a porta; o homem gemia, as vozes eram confusas, a luz pouca. Deposto o ferido na cama, Garcia disse que era preciso chamar um medico.

— Já ahi vem um, accudiu alguem.

Garcia olhou: era o proprio homem da Santa Casa e do theatro. Imaginou que seria parente ou amigo do ferido; mas rejeitou a supposição, desde que lhe ouvira perguntar se este tinha familia ou pessoa proxima. Disse-lhe o preto que não, e elle assumiu a direcção do serviço, pediu ás pessoas estranhas que se retirassem, pagou aos carregadores, e deu as primeiras ordens. Sabendo que o Garcia era vizinho e estudante de medicina, pediu-lhe que ficasse para ajudar o medico. Em seguida contou o que se passara.

— Foi uma malta de capoeiras. Eu vinha do quartel de Moura, onde fui visitar um primo, quando ouvi um barulho muito grande, e logo depois um ajuntamento. Parece que elles feriram tambem a um sujeito que passava, e que entrou por um daquelles beccos; mas eu só vi a este senhor, que atravessava a rua no momento em que um dos capoeiras, roçando por elle, metteu-lhe o punhal. Não cahiu logo; disse onde morava, e, como era a dois passos achei melhor trazel-o.

— Conhecia-o antes? — perguntou Garcia.

— Não, nunca o vi. Quem é?

— E' um bom homem, empregado no Arsenal de Guerra. Chama-se Gouvêa.

— Não sei quem é.

Medico e sub-delegado vieram dahi a pouco; fez-se o curativo, e tomaram-se as informações. O desconhecido declarou chamar-se Fortunato Gomes da Silveira, ser capitalista, solteiro, morador em Catumby. A ferida foi reconhecida grave. Durante o curativo, ajudado pelo estudante, Fortunato serviu de criado, segurando a bacia, a véla, os pannos, sem perturbar nada, olhando friamente para o ferido, que gemia muito. No fim, entendeu-se particularmente com o medico, acompanhou-o até o patamar da escada, e reiterou ao sub-delegado a declaração de estar prompto a auxiliar as pesquisas da policia. Os dois sahiram, elle e o estudante ficaram no quarto. Garcia estava attonito. Olhou para elle, viu-o sentar-se tranquillamente, estirar as pernas, metter as mãos nas algibeiras das calças, e fitar os olhos no ferido. Os olhos eram claros, côr de chumbo, moviam-se devagar, e tinham a expressão dura, secca e fria. Cåra magra e pallida; uma tira estreita de barba, por baixo do queixo, e de uma tempora a outra, curta, ruiva e rara. Teria quarenta annos. De quando em quando voltava-se para o estudante e perguntava alguma coisa ácerca do ferido; mas tornava logo a olhar para elle, emquanto o rapaz lhe dava a resposta. A sensação que o estudante recebia era de repulsa ao mesmo tempo que de curiosidade; não podia negar que estava assistindo a um acto de rara dedicação, e se era desinteressado como parecia, não havia mais que acceitar o coração humano como um poço de mysterios.

"A peça era um dramalhão, cosido a facadas..."

Fortunato sahiu pouco antes de uma hora; voltou nos dias seguintes, mas a cura fez-se depressa, e, antes de concluida, desappareceu sem dizer ao obsequiado onde morava. Foi o estudante que lhe deu as indicações do nome, rua e numero.

— Vou agradecer-lhe a esmola que me fez, logo que possa sahir, disse o convalescente.

Correu a Catumby dahi ha seis dias. Fortunato recebeu-o constrangido, ouviu impaciente as palavras de agradecimento, deu-lhe uma resposta enfastiada e acabou batendo com as borlas do chambre no joelho. Gouvêa, defronte delle, sentado e calado, alizava o chapéo com os dedos, levantando os olhos de quando em quando, sem achar mais nada que dizer. No fim de dez minutos, pediu licença para sahir, e sahiu.

— Cuidado com os capoeiras! — disse-lhe á porta o dono da casa, rindo-se.

O pobre diabo sahiu de lá mortificado, humilhado, mastigando a custo o desdem, forcejando por esquecel-o, explical-o ou perdoal-o, para que no coração só ficasse a memoria do beneficio; mas o esforço era vão. O resentimento, hospede novo e exclusivo, entrou e pôz fóra o beneficio, de tal modo que o desgraçado não teve mais que trepar á cabeça e refugiar-se ali como uma simples idéa. Foi assim que o proprio bemfeitor insinuou a este homem o sentimento da ingratidão.

Tudo isso assombrou o Garcia. Este moço possuia, em germen, a faculdade de decifrar os homens, de decompor os caracteres, tinha o amor da analyse, e sentia o regalo, que dizia ser supremo, de penetrar muitas camadas moraes, até apalpar o segredo de um organismo. Picado de curiosidade, lembrou-se de ir ter com o homem de Catumby, mas advertiu que nem recebera delle o offerecimento formal da casa. Quando menos, era-lhe preciso um pretexto, e não achou nenhum.

Tempos depois, estando já formado e morando na rua de Mata-Cavallos, perto da do Conde, encontrou Fortunato em uma gondola, encontrou-o ainda outras vezes, e a frequencia

Secreta

Conto de Machado de Assis

trouxe a familiaridade. Um dia Fortunato convidou-o a ir visital-o ali perto, em Catumby.

— Sabe que estou casado?

— Não sabia.

— Casei-me ha quatro mezes, podia dizer quatro dias. Vá jantar comnosco domingo.

— Domingo?

— Não esteja forjando desculpas; não admitto desculpas. Vá domingo.

Garcia foi lá domingo. Fortunato deu-lhe um bom jantar, bons charutos e boa palestra, em companhia da senhora, que era interessante. O figura delle não mudara; os olhos eram as mesmas chapas de estanho, duras e frias; as outras feições não eram mais attrahentes que dantes. Os obsequios, porém, se não resgatavam a natureza, davam alguma compensacão, e não era pouco. Maria Luiza é que possuia ambos os feitiços, pessoa e modos. Era esbelta, airosa, olhos meigos e submissos; tinha vinte e cinco annos e parecia não passar de dezenove. Garcia, á segunda vez que lá foi, percebeu que entre elles havia alguma dissonancia de caracteres, pouca ou nenhuma affinidade moral, e da parte da mulher para com o marido uns modos que transcendiam o respeito e confinavam na resignação e no temor. Um dia, estando os tres juntos, perguntou Garcia a Maria Luiza se tivera noticia das circumstancias em que elle conhecera o marido.

— Não, respondeu a moça.

— Vae ouvr uma acção bonita.

— Não vale a pena, interrompeu Fortunato.

— A senhora vae ver se vale a pena, insistiu o medico.

Contou o caso da rua de D. Manoel. A moça ouviu-o espantada. Insensivelmente estendeu a mão e apertou o pulso ao marido, risonha e agradecida, como se acabasse de descobrir-lhe o coração. Fortunato sacudia os hombros, mas não ouvia com indifferença. No fim, contou elle proprio a visita que o ferido lhe fez, com todos os pormenores da figura, dos gestos, das palavras atadas, dos silencios, em summa, um esturdio. E ria muito ao contal-a. Não era o riso da dobrez. A dobrez é evasiva e obliqua; o riso delle era jovial e franco.

— Singular homem! — pensou Garcia.

Maria Luiza ficou desconsolada com a zombaria do marido; mas o medico restituiu-lhe a satisfação anterior, voltando a referir a dedicação deste e as suas raras qualidades de enfermeiro; tão bom enfermeiro, concluiu elle, que, se algum dia fundar uma casa de saude, irei convidal-o.

— Valeu? — perguntou Fortunato.

— Valeu o que?

— Vamos fundar uma casa de saude?

— Não valeu nada; estou brincando.

— Podia-se fazer alguma coisa; e para o senhor, que começa a clinica, acho que seria bem bom. Tenho justamente uma casa que vae vagar, e serve.

Garcia recusou nesse e no dia seguinte; mas a idéa tinha-se mettido na cabeça ao outro, e não foi possivel recuar mais. Na verdade, era uma boa estréa para elle, e podia vir a ser um bom negocio para ambos. Acceitou finalmente, dahi ha dias, e foi uma desillusão para Maria Luiza. Creatura nervosa e fragil, padecia só com a idéa de que o marido tivesse de viver em contacto com enfermidades humanas; mas não ousou oppor-se-lhe, e curvou a cabeça. O plano fez-se e cumpriu-se depressa. Verdade é que Fortunato não curou de mais nada, nem então, nem depois. Aberta a casa, foi elle o proprio administrador e chefe de enfermeiros, examinava tudo, ordenava tudo, compras e caldos, drogas e contas.

Garcia poude então observar que a dedicação ao ferido da rua de D. Manoel não era um caso fortuito, mas assentava na propria natureza deste homem. Via-o servir como nenhum dos famulos. Não recuava deante de nada, não conhecia molestia afflictiva ou repellente, e estava sempre prompto para tudo, a qualquer hora do dia ou da noite. Toda a gente pasmava e applaudia. Fortunato estudava, acompanhava as operações, e nenhum outro curava os causticos. "Tenho muita fé nos causticos" — dizia elle.

A communhão dos interesses apertou os laços da intimidade. Garcia tornou-se familiar na casa; ali jantava quasi todos os dias, ali observava a pessoa e a vida de Maria Luiza, cuja solidão moral era evidente. E a solidão como que lhe duplicava o encanto. Garcia comecou a sentir que alguma coisa o agitava, quando ella apparecia, quando falava, quando trabalhava, calada, ao canto da janella, ou tocava ao piano umas musicas tristes. Manso e manso entrou-lhe o amor no coração. Quando deu por elle, quiz expellil-o, para que entre elle e Fortunato não houvesse outro laço que o da amizade; mas não poude. Poude apenas trancal-o; Maria Luiza comprehendeu ambas as coisas, a affeição e o silencio, mas não se deu por achada.

No começo de Outubro deu-se um incidente, que desvendou ainda mais aos olhos do medico a situação da moça. Fortunato mettera-se a estudar anatomia e physiologia, e occupava-se nas horas vagas em rasgar e envenenar gatos e cães. Como os guinchos dos animaes atordoavam os doentes, mudou o laboratorio para casa, e a mulher, compleição nervosa, teve de os soffrer. Um dia, porém, não podendo mais, foi ter com o medico e pediu-lhe que, como coisa sua, alcançasse do marido a cessação de taes experiencias.

— Mas a senhora mesma...

Maria Luiza acudiu, sorrindo:

— Elle naturalmente achará que sou criança. O que eu queria é que o senhor, como medico, lhe dissesse que isso me faz mal; e creia que faz...

Garcia alcançou promptamente que o outro acabasse com taes estudos. Se os foi fazer em outra parte, ninguem o soube, mas póde ser que sim. Maria Luiza agradeceu ao medico, tanto por ella como pelos animaes, que não podia ver padecer. Tossia de quando em quando; Garcia perguntou-lhe se tinha alguma coisa, ella respondeu "que nada".

— Deixe ver o pulso.

— Não tenho nada.

Não deu o pulso, e retirou-se. Garcia ficou apprehensivo. Cuidava, ao contrario, que ella podia ter alguma coisa que era preciso observal-a, e avisar o marido em tempo.

Dois dias depois, — exactamente o dia em que os vemos agora, — Garcia foi lá jantar. Na sala disseram-lhe que Fortunato estava no gabinete, e elle se encaminhou para ali; ia chegando á porta, no momento em que Maria Luiza sahia afflicta.

— Que é? perguntou-lhe.

— O rato! o rato! — exclamou a moça, suffocada, e affastando-se.

Garcia lembrou-se que, na vespera, ouvira ao Fortunato queixar-se de um rato, que lhe levára um papel importante; mas estava longe de esperar o que viu. Viu Fortunato sentado á mesa, que havia no centro do gabinete, e sobre a qual puzera um prato com espirito de vinho. O liquido flammejava. Entre o pollegar e o indice da mão esquerda segurava um barbante, de cuja ponta pendia o rato atado pela cauda. Na direita tinha uma tesoura. No momento em que o Garcia entrou, Fortunato cortava ao rato uma das patas; em seguida desceu o infeliz até á chamma, rapido, para não matal-o, e dispoz-se a fazer o mesmo á terceira, pois já lhe havia cortado a primeira. Garcia estacou, horrorizado.

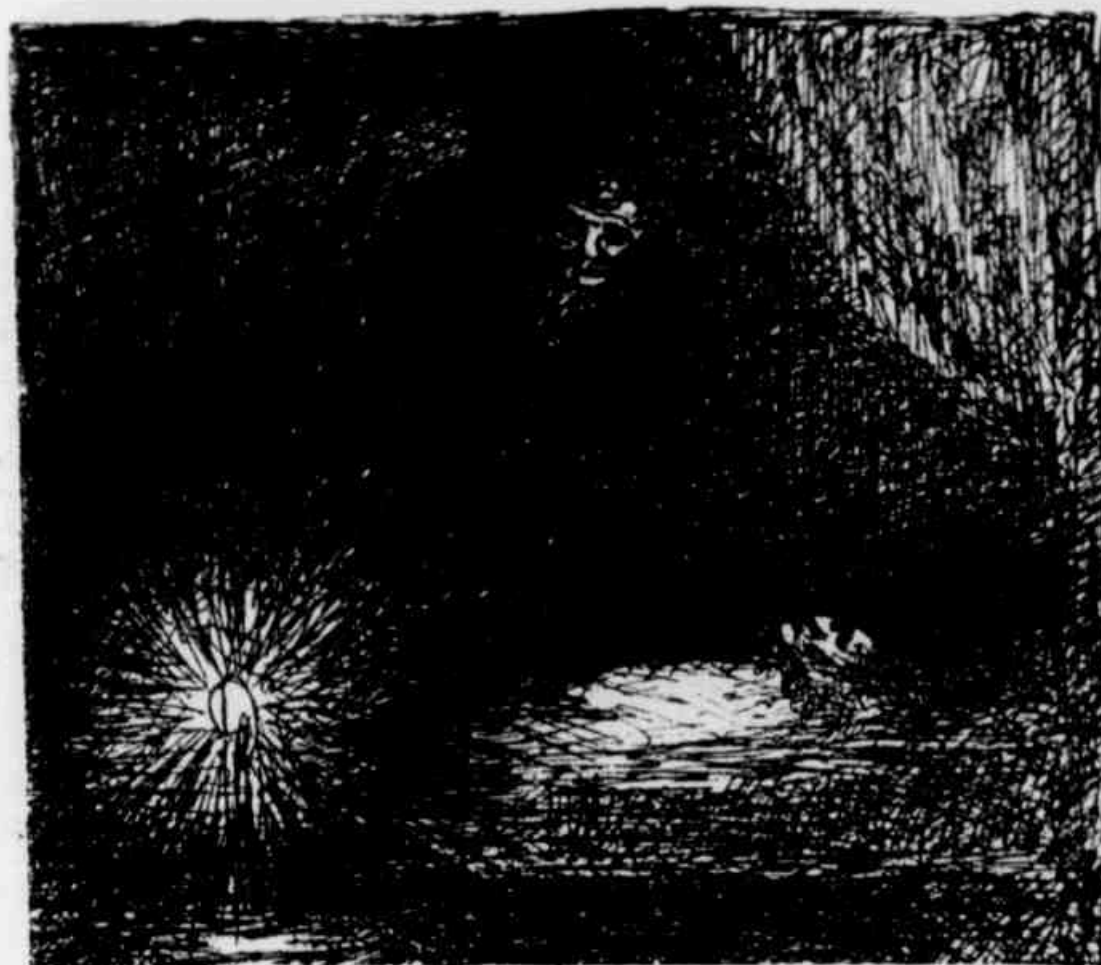
— Mate-o logo! — disse-lhe.

— Já vae.

E com um sorriso unico, reflexo de alma satisfeita, alguma coisa que traduzia a delicia intima das sensações supremas, Fortunato cortou a terceira pata ao rato, e fez pela terceira vez o mesmo movimento até á chamma. O miseravel estorcia-se, guinchando, ensanguentado, chamuscado, e não acabava de morrer. Garcia desviou os olhos, depois voltou-os novamente, e estendeu a mão para impedir que o supplicio continuasse, mas não chegou a fazel-o, porque o diabo do homem impunha medo, com toda aquella serenidade radiosa da physionomia. Faltava cortar a ultima pata; Fortu-

(*Termina no fim do numero*)

"... *Velando o cadaver*..."

Os Exilados do Carnaval...

Ainda lhe bailavam na concha dos ouvidos aquelles sons perturbadores que lhe faziam reviver o passado de hontem e lhe produziam as mais extranhas emoções. Daquella cadeira de rodas, onde o Destino o immobilizara nos grilhões de uma cruel paralysia, da qual não lhe restavam mais esperanças de libertar-se, acompanhara com os ouvidos e com os olhos encharcados de lagrimas e de tristeza os risos e a alegria esfusiante do Carnaval. Elle ali ficara no desespero maior, na sala ampla, abertas as janellas de par em par, soffrendo pela primeira vez na sua vida, as agruras sem fim de vêr o Carnaval, sem delle gosar os desvarios. E' que acorrentara-o aquella cadeira, quatro mezes antes, a doença que o matava em vida, matando-lhe os movimentos e sepultando-lhe os sonhos. Ouvira os pequenos da vizinhança no contentamento mais expressivo, cantarolando as tôadas carnavalescas que repetia baixinho, e vira na expansão das ruas, no delirio das serpentinas que se cruzavam, na chuva de confetti que cahia, a felicidade que perdera, para sempre! E, agora, na quarta-feira de amargas desillusões e de cinzas, o paralytico conversava comnosco exactamente sobre o primeiro carnaval de cujos folguedos não participara...

— Talvez para o anno já esteja bom...

— Qual, amigo, não se illuda, nem me illuda: estou morto e só ainda falo para ter o direito de expandir meus soffrimentos!...

E perguntando:

— Como foi de Carnavál?

— Bem...

— E o amigo?

Elle nos cravou os olhos, num espanto. E sem os afastar do alvo foi falando, de vagar, de vagar:

— E eu... pergunta... como eu o passei que só o vi, de longe, na bocca dos outros e na alegria alheia? E eu, indaga, um paralytico que se não move, que depende de mãos extranhas para alimentar-se, para vestir-se e até para viver?

Sacudindo a cabeça, num desanimo:

— Pobre de mim... Ainda no anno que morreu vivi o Carnaval num Arlequim cheio de audacia. Tive tres dias de amor, tres dias de allucinação. Neste anno tres dias de abandono, de isolamento e desespero...

E soluçando:

— O Arlequim morreu, a Colombina vive na graça das mulheres felizes, e, por elles pela sua desillusão amarga o paralytico soffre!

Não era facil a empreitada, mas desde que a ella nos propuzemos não desanimamos... Falaremos ao homem que passara o seu primeiro Carnaval depois de cruel paralysia; chegavamos, agora, aquella vivenda risonha, onde um surdo, impressionantemente triste, nos esperava... Um capitão reformado, que no anno anterior se entregára ao Carnaval com toda a expansão do seu temperamento bohemio...

Há um mez soffria as consequencias irremediaveis de um accidente, e a festa do Momo desenrolára os seus dias sem que elle os gosasse. E com a vivacidade que lhe é innata, o capitão offerecendo-nos uma cadeira em frente a sua mesa de trabalho, pediu escrevessemos o que lhe desejavamos perguntar... Fizemol-o. Elle, com firmeza, procurando disfarçar as bem explicaveis sensações que o sacudiam, respondeu a seguir:

— O Carnaval para mim foi a canção que eu adivinhei pelo movimento dos labios da mulher que o cantou... Elle se extendeu aos meus olhos nos seus quadros todos mas o que gosto delle não tive: sua musica, o perfume da sua alegria e a alegria da sua vibração! Meus olhos mergulharam na animação dos tres dias felizes; minha alma teve as emoções suaves do desvario bemdito, mas meus ouvidos, como pedra tumular, sepultaram, e para sempre, a razão de ser de toda a felicidade que, para mim, existia na terra!...

— Ah! Nem me faça essa pergunta, que é cruel, nem me submetta a essa interrogação, que é atroz!

Tremulos os labios, as mãos tremulas, o cégo, commovido, respondia ao que lhe indagavamos, depois dos cumprimentos do estylo, logo que nos recebeu no gabinete forrado de azul.

— Folião dos mais extremados, amando o Carnaval tanto quanto a propria vida, fiquei com parte desta, sim, mas perdi todo aquelle!

— Exaggera...

— Illusão meu caro...

E, numa explosão de revolta, os punhos crispados, a vóz cheia de calor:

— Então quer martyrio maior para mim que encher os meus ouvidos de sons e meu pensamento de imagens que meus olhos não podem fixar? Então eu sentir bem perto de mim a mascarada, o seu perfume, sem ver-lhe as linhas do corpo e a moldura do rosto? Depois de uma pausa:

— Não meu caro senhor. Foi horrivel o meu Carnaval... foi como se me encerrassem num caixão e ninguem ouvisse os meus gritos de desespero...

— Acalme-se...

— Calmo de mais sou eu... Na terça-feira estive na Avenida junto a porta, sentindo o ruido dos que passavam, ouvindo as phrases que se desprendiam das boccas que eu não enxergava, mas que adivinhava lindas e me emocionando a zoada ambiente...

Tossiu, cruzou as pernas e continuou:

— Dahi a instantes tomaram de assalto os meus ouvidos, em meio a um fragôr immenso que crescia, palavras que interpretavam as visões que nunca mais me seriam dadas assistir!...

— Lá vem os prestitos!

Os que me rodeavam — senti — se animaram e pelo que me era permittido pelos ouvidos, se debatiam na ancia de uma posição melhor.

—— Corriam os minutos, a animação crescia a quando aquelle trecho onde me encontrava ficou sob o pallio de clarão immenso, mais comprehendi o meu infortunio, ouvindo:

— Que lindo carro! Olha! Que espirito! Que idéa maravilhosa

Agora numa exclamação nervosa:

— E aquelle!... Como é artistico!

— Repara como giram aquellas flores e olha como aquellas mulheres ficam ali, sem cahir!

Elle sem se interromper:

— Fiz um esforço na ancia de vêr o que eu não via e ainda perguntei:

— Onde?

E uma vóz de mulher disse ao meu lado, talvez apontando o dedo:

Ali!...

Ali para ella, amigo, era a orgia da festa. Era o clarão.

E amarguradamente:

— Para mim eram as trevas da minha desgraça e dos meus olhos!

Barros Vidal

Bailes

No Praia Club. — No Atlantico Club. — No Club de Regatas Guanabara. — No Club Gymnastico. — No Club de Regatas Flamengo. — Instantaneos de fantasias.

Corso de automoveis

Mascarados nas ruas

Senhoritas que estiveram no baile em casa do deputado Francisco Peixoto

O corso de domingo gordo

Alguns dos milhares de automoveis que rodaram da Praça Mauá a Botafogo

Grupos apanhados no baile do Club de Regatas Icarahy. — Tres aspectos do baile infantil do Praia Club. — No Club Central de Nictheroy. — No Club Portuguez. — No Praia Club. — Um ::: chinezinho de Icarahy. :::

Após Cinzas...

Após o jantar, Mario Novaes tentou ler os jornaes vespertinos.

Estirou-se na "chaise-longue" e sob a luz verde do "abat-jour" passou os olhos pelas noticias politicas, nada encontrando de novidade. Procurou as notas de sport, de theatro, de carnaval. Para distrahir.

Attentou, então, que estava no carnaval. Chamou a amante e, sentando-a ao seu lado, deitando-lhe a cabeça nas pernas, affagando-o, vendo-se bem nos olhos della, fez-lhe o convite:

— Vamos domingo, ao baile dos artistas, no Assyrio?

Henriqueta Neval ficou com os olhos verdenes brilhando mais ainda á claridade côr do mar do *abat-jour*, sem responder. Tal como se nada tivesse ouvido.

— Vamos? insistiu Mario Novaes.

E como se realmente ella não tivesse ouvido bem:

— Ao baile dos artistas?

— Sim.

— Não. Será melhor não irmos.

— Por que?

— Em casa estaremos melhor. Um baile de carnaval com 36°. á sombra deve ser horrivel...

E sentou-se. Pegou de um jornal e espalhou o olhar pela pagina toda, como se procurasse a noticia de determinado acontecimento. Mas sem ler. Interessando-se sem interesse.

Mario Novaes foi abrir a pasta e de lá sahiram tres convites para bailes carnavalescos. Quiz ainda envolver a amante numa tentação.

— Vamos, então, ao "reveillon" de inauguração do Lido, na Avenida Atlantica.

Ella repetiu displicente:

— Não. Em casa estaremos melhor.

Naquella noite o carnaval não guisou mais a conversa de ambos.

* * *

Henriqueta Neval não poude dormir naquella noite. Com insomnia. Fechava os olhos e tinha pesadellos. Os sonhos se repetiam na mesma barafunda inquietadora. Nunca uma noite lhe parecera tão comprida. Tão longa. Fechava os olhos e logo se revolvia na rêde de fogo dos sonhos confusos e barbaros. Accordava assustada, com o coração oppresso. Rolava o corpo roliço e cheiroso na brancura dos linhos tepidos e não dormia como desejava.

A manhã veiu encontral-a calma, as palpebras cerradas, a rosa de ouro dos cabellos florescendo nos travesseiros, dormindo.

Quando accordou era meio-dia. O sol fulgia na verdejante montanha fronteira. Dourando as arvores. Escrevendo poemas de luz na copa alta das arvores.

Estirou o pequeno corpo sensual sobre a massa affagante dos lençóes e prendendo o queixo na concha das mãos, os cotovellos fincados no colchão, ficou-se a olhar o mar sereno e verde dos olhos no espelho limpido e oval do guarda-casaca. Transversalmente deitada na cama. Numa attitude morta de esphynge. Parada. Mas só exteriormente. No intimo de Henriqueta surgiam de bubuia recordações indesejaveis.

Rebolou-se no leito e deitou a cabeça nos travesseiros, de olhos fechados, como numa dormencia doce.

* * *

Fôra por um carnaval, ha tres annos, que a sua vida tomara novo rumo. Ou se tornara differente.

— Vamos ao baile do "High-Life?" perguntou-lhe Laurita Queiroz, filha de uma viuva de suspeita fama no bairro. Arranjaremos uma fantasia e iremos divertir. Voltaremos cêdo.

Antes de acceitar ficou a pensar no que não podia pensar. Procurando descobrir um perigo de que não tinha noção. Que não sabia se existia. Depois acceitou.

Foi a amiga quem lhe levou na vespera um Pierrot azul, que ella achou admiravel e no qual se achou bonita, após. O amiga iria de Colombina. E assim foram ao baile. Henriqueta sózinha, a outra com o namorado.

Um Pierrot azul sózinho numa noite de carnaval...

Ao entrar no "High-Life" o ambiente como que a atordoara.

Aquellas gentes de mascara que ella jamais vira, os corpos masculinos que roçavam audaciosamente no seu corpo virginal e velludico, a volupia selvagem dos sambas e maxixes incendidos de languidezas e sensualismos, o ether que entorpecia o ambiente, as serpentinas que se entrecruzavam, multicores, como um aranhol disforme e animado, os gritos, os rumores intraduziveis, as luzes, a decoração allucinante, as phrases que tinham attrações mornas de convites peccaminosos, o contacto daquella gente louca e desenfreada — tudo punha Henriqueta Neval embriagada, aturdida, fóra de si mesma.

A propria amiga, logo ao chegarem, dera-lhe um par. Que ella não conhecia, que a não conhecia. Não se largaram mais os dois, dansando, no "buffete", conversando, no ar franco e fresco do parque. E as horas no relogio do tempo correndo. Nas horas alegres o relogio do tempo não tem mostrador.

Já conhecia o Pierrot amarello que a outra lhe offerecera. Sabia-lhe o nome. Quem era. E no atordoamento das dansas e do ether e de certos *cocktails*, a vida como que se resumia toda naquella noite de loucura. Mesmo da familia tinha uma noção vaga e quasi esvanecida. Tudo no mundo era ella e elle, em cuja companhia aquellas horas não teriam fim e em cujo braço se abandonava, languida, inconsciente, coisa-nenhuma.

Num instante de lucidez, quiz saber o rumo das horas.

Tres, disse-lhe o par.

Henriqueta Neval teve um assombro que os olhos, atravez do "loup" negro, reflectiram.

Procurou a amiga e não a encontrou. Percorreu todos os logares. Pesquizou tudo. Debalde. O Pierrot fulvo aquietou-a:

— Leval-a-hei em casa.

— Não! protestou. Seria o cumulo chegar sózinha áquella hora em casa. E os paes?

— Leval-a-hei em casa de Laurita. Haverá um pretexto. Nem se inventaram inutilmente os pretextos. Vamos?

Foram. No auto Henriqueta adormeceu recostada no hombro do Pierrot côr de ouro.

O que se passou depois começou de ser a historia da sua vida.

Accordou no dia seguinte, domingo, num quarto de Hotel, nas Larangeiras.

Deveria voltar para casa depois de tal passo? Não. Não haveria reparação ao que houvera commettido. Nem os paes perdoariam a leviandade, que menos os envergonharia, do que a pungiria a ella. Quiz procurar, então, a amiga. A culpada de tudo. Mas para que? Não tinha ainda nenhuma affeição a Mario Novaes.

Chorou durante uma semana, viu o quanto lhe custara a noite de carnaval, recordou a existencia de enlevo e bençãos que levara no aconchego paterno, num ambiente de docilidade e affecto — e tanto mais recordava essa vida de hontem e que era como um passado delicioso que o tempo afastara para muito longe, quanto mais se expungia e se sentia abandonada e infeliz.

— Que salto dera numa noite a sua vida!

E como entre todas as soluções em que pensasse, inclusive as de atirar-se sob as rodas de um omnibus, afogar-se, beber lysol, nenhuma se lhe afigurasse capaz de redimil-a do erro praticado, entregou-se passivamente ao destino, cahindo de vez nos braços de Mario Novaes. E já lá iam tres annos... Quiz fazer áquelle mesmo destino uma pergunta:

— De felicidade?.

Silenciou, todavia. Ella era agora uma existencia inutilisada, que o mundo levava como entendia.

CARLOS RUBENS

(Termina no fim do numero)

O espirito

UM eminente philosopno, Jules Gauttier, escreveu que todo riso humano está no desvio que se forma entre a realidade de uma pessoa e a falsa concepção della mesma, á qual se prende.

Crear essa falsa concepção e saber conserval-a durante uma noite, é o que se chama espirito de mascarada. E que se muda em genio de mascarada, quando um Charles Chaplin emprega o comico para fantasiar a Poesia.

Existe creaturas honestas, nascidas sob o signo da beatitude e que, amparadas por um destino complacente, são protegidas toda a vida contra os perigos do monstro imaginação. Para ellas, o amor é symbolizado pelo casamento, o mobiliario pelo *buffet* Henrique II, a patria pela Liberdade, a Egualdade, a Fraternidade e o baile á fantasia por Pierrot dansando com uma Hespanhola de olhos negros. Outros, nascidos, sob um signo menos amavel, espiritos inquietos, e complicados, que não gostam de se collocar em Evidencia, e que se tornam com a edade, prestidigitadores, maniacos ou homens de Estado. São os que nos bailes á fantasia se disfarçam em aquario de peixes vermelhos ou em agulha de crochet. Suffocam debaixo da mascara, que os céga, a invenção os impede de dansar, mas convencem-se de que têm espirito.

Ora, o espirito da mascarada é um espirito que nem todos sabem ter. Muitos dos grandes homens são totalmente desprovidos e alguns até hostis. Tertuliano, Clemente d'Alexandria, São Cypriano, São João Chrysosthromo, não sómente não possuiam graça para as fantasias, mais ainda, queriam interdictar todos os prazeres do Carnaval, que elles consideravam como uma volta perigosa ás bacchanaes, saturnaes e lupercaes de satanica memoria.

Gracas á Deus, mudaram-se os tempos em que se arruinava a alegria perseguindo os mascarados. Entretanto, não seria impossivel dar um baile á fantasia sem fantasias. Procurarse-ia em vão grandes genios ignorados, mas, em compensação se havia de encontrar muita gente que possue em alto grão o espirito das fantasias e que ainda não percebeu isso.

Certas mulheres, ultimos refugios das modas cahidas no dominio publico, collecionadoras de bagatelas em traje de gala, Herodiades de provincia e alguns novos messias de Monparnasse, transporiam sem retoques o limiar desses bailes, onde as bellas barbas perdem o sentimento da dignidade e parecem barbas postiças, de tal forma é certo que no meio da mentira a verdade fica indistinguivel...

JEAN DE SELZ

da Mascarada

Todo baile á fantasia que não limita a escolha das roupas a uma certa época, é um elogio vivo do anachronismo. A chronologia é, como a chimica, uma sciencia que de anno para anno vae se complicando, o que permitte aos amadores de anachronismos augmentarem o campo das suas explorações na poesia, nos films, nos bailes á fantasia.

A mistura dos estylos transforma um baile á fantasia num Kaleidoscopio em que cada movimento de dansa produz singulares e muitas vezes agradaveis mudanças na Historia.

A escolha de uma época fornece a alguns occasião de se livrarem, por uma noite, das suas funcções, dos seus habitos, do seu caracter. Não é raro encontrar entre a Epiphania e a Quarta-feira de Cinzas, conscienciosos paes de familia transformados, de repente, em grandes crianças turbulentas.

(Desenhos de R. de Lavererie)

Ao lado do grupo Luiz XIII, orgulhoso da verdade historica, que se installou entre um chapéo castor com plumas e um par de botas lazarinas, colchas de lã esvoaçantes, um morango confuso, umas anquinhas, um casco á "Balagine" e algumas outras ninharias como candelabros, banlandraús, hungaras e lacaios. Junto com o gigolô Luiz XV e o sportman da Revolução franceza, a burgueza de 1890 entrou peremptoria.

Tão extranha aos nossos costumes como a "merveilleuse" do Directorio, a burgueza de 1890 nos commove mais. Com ella não são as lembranças historicas que entram no baile, e sim as recordações de familia, da nossa familia. Com ella a vida retorna ás mazurkas de Felix Faure, á bicycleta de Sarah Bernhardt e ao perfume "Doubles Violettes du Czar" que exhalam as rendas de chantilly e que fez bater os corações debaixo das sobrecasacas.

O espirito da mascarada é, em parte, um espirito conservador. Sabe nos fazer acceitar uma época e tudo o que a differença do nosso temperamento — que alguns chamam de progresso da humanidade — condemna e bane, desde o bigode e o cavanhaque conquistadores até ao espartilho.

E' pela apparição num baile á fantasia que as modas triumpham do esquecimento, voltam do exilio e passam do ridiculo á gloria.

Os gordos e os magros

Os maiores martyrios desta vida estão reservados aos magros.

E a razão é bem simples. Os gordos têm um ar franco que inspira confiança. Se tiveram aborrecimentos e tristezas, não sabemos; a dilatação da pelle apaga as rugas. Se esvasiassem, causariam grandes surpresas, mas, cuidam-se bem. Por mais que pretendam invejar os magros, um obscuro instincto os adverte de conservarem prudentemente, o peso e o volume. E pelo peso e o volume continuam a gozar a reputação de benevolencia.

Diz-se sempre de qualquer delles: "E' um bom gordo!" Não ha exemplo contrario. Nunca se pronunciou sobre nenhum, a phrase: "E' um mao gordo!" A idéa não accode a pessoa alguma. Os mais desconfiados, diante de um rosto de lua e de um ventre obeso, sentem-se envoltos numa especie de mollêza e de abandono.

E, entretanto, existem gordos máos. Eu mesmo conheço. E, por serem raros, são mais perigosos. Agem com golpes seguros, sob a mascara rosada e intumescida. Se nos queixarmos de algum numa roda de amigos, contarmos qualquer perfidia que nos tenha feito, haverá sempre quem replique:

— Qual! Você exagera. Aquelle bom gordo é incapaz disso.

E ficamos com cara de quem está com mania de perseguição. E' preciso ser muito prudente quando se fala a verdade!...

Temos preconceitos extranhos. Acreditamos inoffensivos os seres lentos (as tartarugas, por exemplo, cujo bico cortante é perigoso quando se agarra á presa) e, terriveis as creaturas ageis. Como se só si pudesse ser despachado para o crime!... Os gordos movem-se com circumspecção; não os concebemos capazes de praticar o mal.

Palavras de Francis Miomandre

Desenhos de J. J. Roussau

Essa confiança unanime, que inspiram, traz-lhes, na vida, vantagens enormes. Vantagens que os magros só obtêm com luta incessante. A reputação de bondade de um magro soffre sempre restricções. Nunca é infativel. Quem diz "magro", na linguagem popular, diz, quasi automaticamente, doente do figado, intratavel, azedo, devorado de inquietudes e de ambição, mal dormido.

— Você está com boa cara! exclamamos para o magro que atravessa um periodo de melhora. O que significa:

— Espero que esta sorte inesperada vá acalmar o seu caracter.

Se volta ao estado normal, lamentamos como caso perdido.

A dansa desfechou um rude golpe nos gordos. Desde que ella se tornou moda, que elegeu o typo de elegante fino, magro, esbelto. O genero gigolô triumpha.

Os gordos se impressionaram muito com o phenomeno. Mas, creio que exageram, proclamando-se feridos. Que temem elles? Perderem o prestigio junto das mulheres. Pois bem, apesar da voga dos jovens pequenos e magros não perigam.

A moda é apenas nos dancings. A dansa é uma coisa e o amor é outra. Aquella mulher que, por nada deste mundo, acceitaria de se exhibir num **blue** com um senhor corpulento, tolera, de boa vontade, as suas homenagens privadas e depressa se interne cerá, murmurando a inevitavel formula:

— E' um bom gordo!

E o gracioso gigolô com a sua magreza e as suas roupas bem talhadas, e até o seu amor, será obrigado a desapparecer.

Francis de Miomandre.

O BAILE MARAVILHOSO DO CLUB DE REGATAS BOTAFOGO COM DECORAÇÕES DE MARCELLO ROBERTO

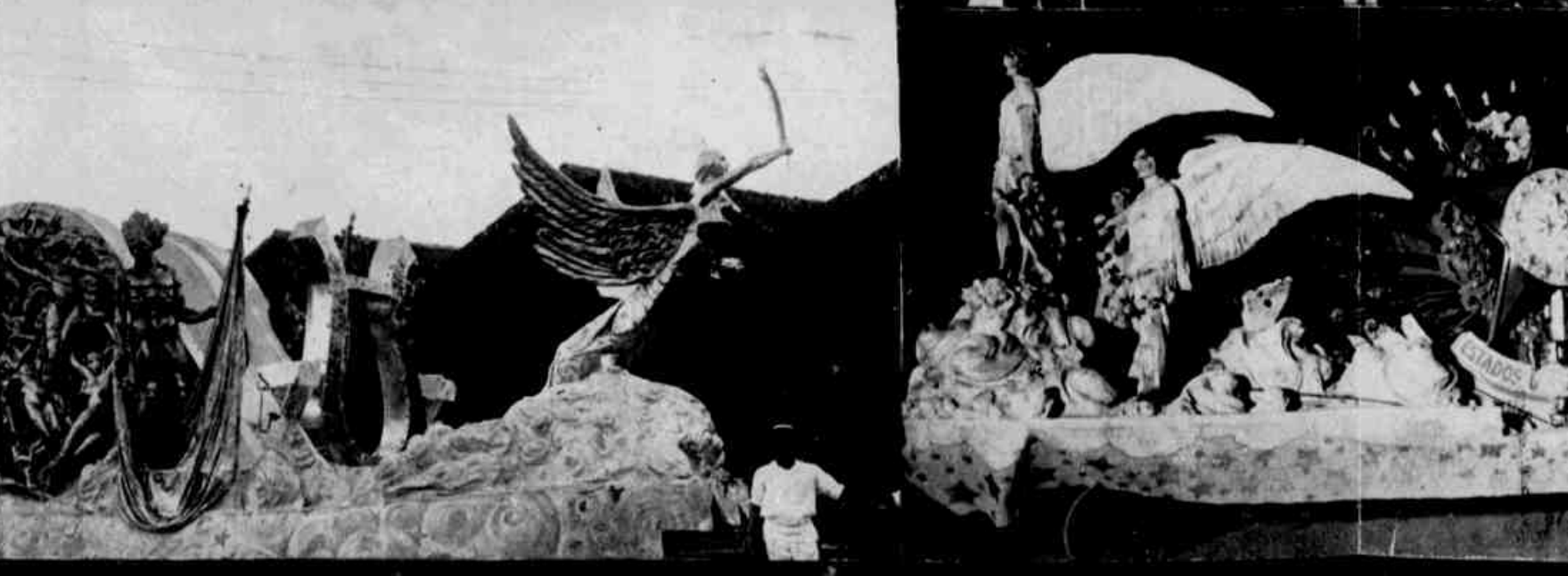
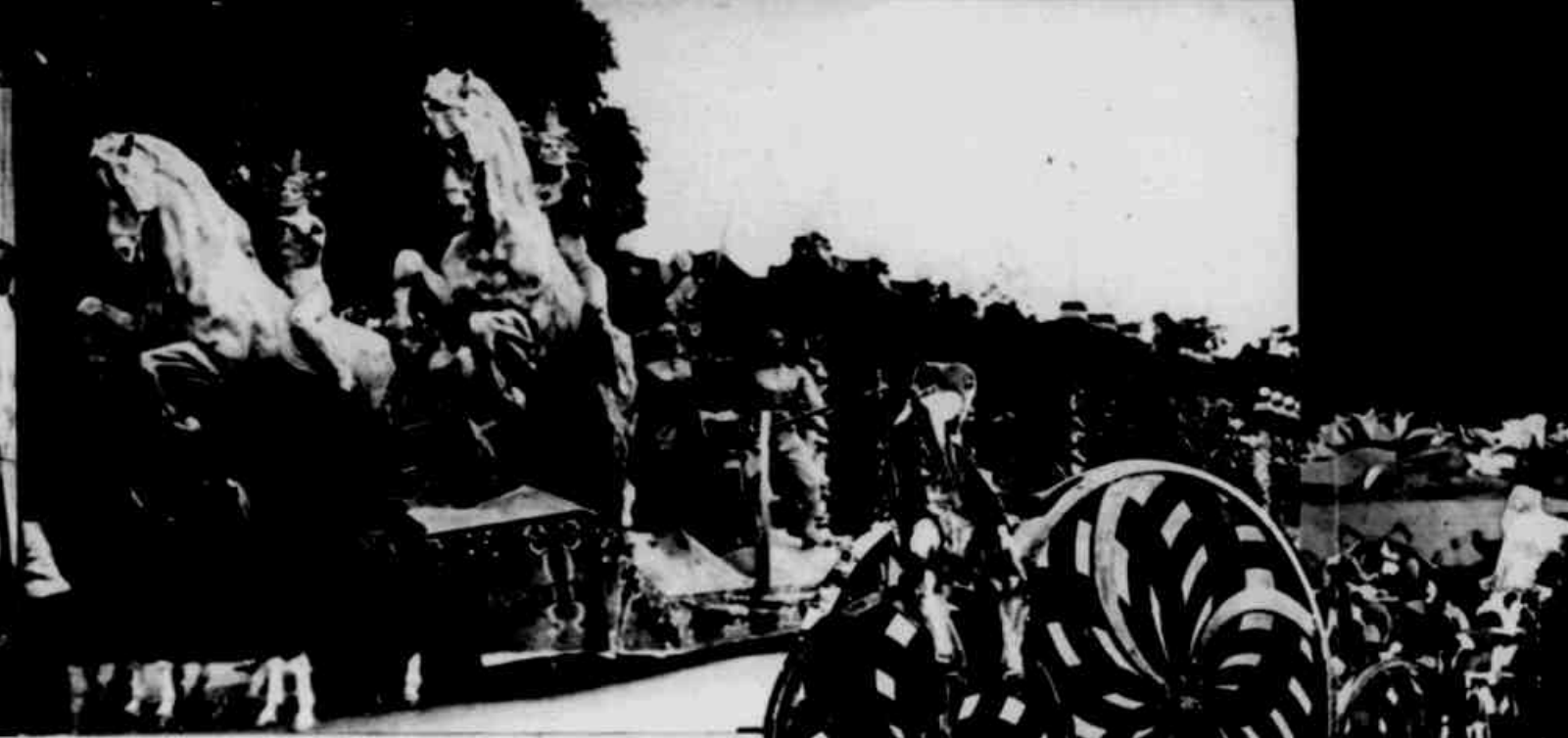
Esta reportagem feita especialmente para "Para todos...", por Lafayette, continúa no numero de sabbado que vem.

NO BAILE DO FLUMINENSE FOOTBALL CLUB

Photos especiaes para "Para todos..."

SEGUNDA-FEIRA
NOS
SALÕES
DO
FLUMINENSE FOOTBALL CLUB

Esta reportagem continúa sabbado que vem

Um baile estupendo que "Para todos..." relembrará

Baile do Club de São Christovão,
ailes infantis no Club de Regatas
otafogo e no Club dos Bandeiran-
s, baile no Gremio Onze de Junho
do Villa Isabel Football Club.

Carros dos prestitos dos P
Caverna, dos Democraticos
nentes do Diabo e dos Feni
a cidade applaudiu terça
noite, noite gorda e noit

No Club Commercial de São Paulo

Em cima, á esquerda: senhorita Sara Pereira Bueno; á direita: senhorita Campos Salles; em baixo: senhoritas Luizita Pereira Pinto e Maria E. Cardozo Mello.

Photographias de ROSENFELD

O lindo baile da Cruz Azul

Em cima, á esquerda: senhorita Rosina Prudente de Moraes; á direita: senhorita Margot Duchen Avroux; em baixo: senhoritas Luizita P. Pinto e Maria E. Cardozo Mello.

Photographias de ROSENFELD

EM NICTHEROY

Bloco Ciranda-Cerandinha que foi uma das alegrias do Carnaval da cidade vizinha. — Baile á fantasia no Theatro Municipal em beneficio da Caixa de Esmolas Oscar Fontenelle. — Baile no Club Central, elegantissimo. — Baile infantil no Club Central.

SECULO XVIII

(Quadro de Watteau que está em Berlim)

PA' DE CAL

ASSOMBRAÇÃO

Cera, rimmel, pomadas, parafina,
Talco, rouge, cilion... Mademoiselle
Gasta um dinheiro louco na surdina
Mas quando sáe, que seducção de pelle!

A bocca de morango se illumina,
O olhar provocador que não repelle,
Antes, em filtros magicos fascina
E ao delirio mais alto nos impelle.

Mas se pela manhã alguem surprehende
Mademoiselle em pyjama e sem cabello,
Antes de restaurada... ó monstro! ó duende!

Corre gritando: que animal é esse?
Como se no pavor de um pesadello,
Um sacy-pererê lhe apparecesse...

A CHAUFFEUSE MAGNIFICA

Numa barata *bois-de-rose*, a cento
E cincoenta kilometros por hora,
Passa zunindo como um pé de vento
Aquella agitadissima senhora.

Não sei porque motivo ella devora
Distancias e distancias num momento:
Petropolis, S. Paulo, Juiz de Fóra,
Gallinhas mortas pelo chão poeirento...

Ninguem lhe escapa á furia destruidora.
Tanto tem de irrequieta e de atrevida,
Quanto de esperta e compromettedora.

Se anda assim, ha razão justificada:
De tantos homens que encontrou na vida
Tem de fugir... pr'a não levar pedrada.

JOÃO DA AVENIDA

UMA SENHORA

NÃO se importava com a aspereza do anno inteiro. Trabalho, trabalho e mais trabalho. O ordenado das empregadas era uma pouca vergonha que a policia devia pôr um paradeiro. Não punha. Vivia mettida com a politica. Falta duma bôa revolução!... Emquanto a revolução não vinha para botar a policia nos eixos, obrigando-a a endireitar as empregadas, fazia de criada: cozinhava, varria, cosia. Encerava a casa tambem, ac sabbados, depois que disseram pelo Radio ser hygienico e muito economico. — Economico? Então se encera mesmo.

O marido já estava acostumado áquellas resoluções. Metteu sobre o pyjama da Capital a gabardine cheirando a gazolina na golla e foi telephonar para a casa de ferragens, pedir duas latas de cêra — da bôa, vê lá! — chorando um abatimentosinho na escova e na palha de aço.

Ella sempre para tudo. Graças a Deus era mulher forte. Sahira á mãe, que tambem fôra, morrendo velha de desastre, de desastre domestico, uma chaleira de agua fervendo para o escalda-pés do marido, um coronel reformado, que lhe virou em cima do corpo.

Não se queixava. Não ia á cidade passear não ia ao cinema, não fazia visitas (nem recebia), não ia a parte alguma.

Tratava ainda dos tres filhos, tres desmasellados, que andavam na escola publica, Elcio, Elcia e Elcina, respectivamente quinze, quatorze e treze annos, o que attesta bem a força do marido e dá idéa o que seria depois de dez annos de casada, se depois da Elcina não tomasse as suas precauções.

— Não se esqueçam de dar lembranças a D. Margarida — aconselhava na hora da sahida, emquanto preparava o pão com goiabada da merenda. D. Margarida fôra sua amiga no collegio das Irmãs, uma bicha no francez, cearence, um talento! Mandar lembranças para ella equivalia a dizer: Olha que são meus filhos, Margarida; são os filhos da tua amiga Quinota...

E os exames estavam perto com premios de cadernetas de Caixa Economica dados pelo Prefeito, ridicularizado pelos jornaes opposicionistas, elogiados pelos do governo — a "Folha" dizia que era gesto de Mecenas — mas emfim fartamente annunciado em todos os jornaes para incentivo da meninada estudiosa. Ella queria ser mordida por um macaco se não arranjasse tres cadernetas para casa. Os filhos é que não faziam fé.

Bordava pra fóra, cuidava do Joly, o bichano pra sujar a casa era um desespero, e sobrava tempo ainda para ter ciumes do marido com as vizinhas, principalmente D. Consuelo, uma descarada, é certo, mas muito chic, confessava.

No Carnaval tirava a forra.

As economias accumuladas sahiam do Banco Popular juntas com os juros. Não ficava nada. Mettia-se numa fantasia de bahiana e innundava a capota do automovel com seus oitenta e cinco kilos honestissimos. As meninas iam de bahianas tambem, menos saias, mais berloques. O menino de pierrot, cada anno de uma côr, porque não é para outra cousa que o dono do Tintol gasta aquelle dinheirão em annuncios. Tirava do cabide a casaca do casamento, deseseis annos por isso, (como o tempo corre!) dava um geito nas manchas:

— No automovel ninguem repara, meu

filho, dizia com um sorriso, ora para a casaca, ora para o marido, que se traduzia: lembra-te? — Elle então, com uma faixa vermelha na cintura, brincos em forma de argola pendentes das orelhas demasiadas, enfiava na cabeça um turbante de seda branca com perolas em profusão e ia em pé no carro de rajah diplomata.

No terceiro dia, graças a Deus não choveu em nenhum dos tres, perguntava pro marido:

— Quanto temos ainda?

Elle remexia a carteira, (bolso de casaca é uma cousa encrencada) fura-bolos trabalhava na lingua e cantava a quantia:

— Duzentos e oitenta.

— E os oitocentos do automovel?!

— Já estão fóra.

— Ah! bem...

Para fazer contas no ar era um assombro.

—... póde gastar mais cento e cincoenta.

O resto ficava para gastar depois do Carnaval — mas entrava na verba delle — com o figado do marido, porque depois da pandega, (a experiencia de D. Quinota é que falava) seu Juca tinha rebordosas, vomitos biliosos, uma dôr do lado damnada, de tanta canseira, tanta serpentina e tanta cerveja gelada.

Não faz mal. Não fazia não. A vida era aquillo mesmo: tres dias — falava. Mas pensava: por anno.

Podia dizer mas não dizia. Deixava ficar lá dentro. O "lá dentro" de D. Quinota era uma cousa complicada, complicadissima, que ninguem comprehendia. Só ella mesma e o marido ás vezes.

Desciam do automovel á porta da casa quando o vizinho veio vindo com o rancho da filharada.

— Brincaram muito? fez seu Adalberto com um geito de despeitado.

— Assim-assim...

D. Quinota dizia aquelle "assim-assim" de proposito. Que lhe importava os outros saberem se ella tinha gosado ou não? Quem gosava era ella. Mas gostava de ficar deliciando-se por dentro com a alegria dos vizinhos: assim-assim... Ah! Ah! Ah!

Seu Adalberto exultava:

— E' isso mesmo. Faz-se despesas enormes (e D. Quinota sorria) e não se diverte nada. (D. Quinota olhava pro céo). E' sempre assim. Pois olhe: nós fomos a pé mesmo. Estivemos ali na Avenida, na esquina do Derby, apreciamos o baile do Club Naval, muita fantasia rica, muita, vimos perfeitamente as sociedades, tomamos refrescos, brincamos a grande. Não foi?

As mocinhas fizeram que sim, humilhadas, mas os gurys foram sinceros.

— Aquelle carro do girasol que rodava, hein papae?

Seu Adalberto corrigiu logo.

— Girasol não, Arthur, crisanthemo.

Depois que corrigiu ficou azul, sem saber ao certo se era crisanthemo ou crisantêmo. Quer vêr que eu disse besteira?

Seu Juca não havia meio de encontrar o raio da chave. Esses bolsos de casaca!...

— O anno que vem, D. Quinota falou firme, nós iremos tambem a pé.

O marido até se virou. Ficou olhando espantado. — Que diabo é isto? ia perguntando.

Por um triz que não perguntou mesmo. Mas ficou assim... Comprehendeu? Parece... Esta Quinota!...

Foi quando seu Adalberto evidentemente mortificado, se refez e sentenciou como experiente na cousa, apesar de nunca ter entrado num automovel pelo Carnaval: E' melhor mesmo.

A tribu samiu pela porta do 37. A maçaneta fechou por dentro. Torreco-Torreco. Agora foi a chave: duas voltas. O pigarro de seu Adalberto, ainda com o accento do crisanthemo a fuzilar-lhe na cabeça, veio até cá fóra se misturar com um resto de chôro, pandeiros e chucalhos, do bonde que passava mais longe. Passos apressados no fundo da rua. O burro do inglez estava na janella do appartamento fumando pra lua. D. Quinota ficou olhando-o um pouco, depois cerrou a porta bem e fixou o marido que dava por falta dum brinco: — Que cretinos!

Seu Juca parou no meio do corredor, pernas abertas, o turbante nas mãos e esperou mais. Mas D. Quinota era hermetica. O resto ficou lá dentro onde ninguem ia buscar, porque o marido, o unico interessado na occasião, mais morto do que vivo, preferiu tirar o collarinho e a casaca.

D. Quinota atirou-se na cama escangalhada e feliz, só accordando na quarta-feira de cinzas ao meio-dia. Quando o resto da familia se levantou o almoço (feito por ella) já estava na mesa, e D. Quinota desesperava porque tinha lido no Jornal do Brasil que foram os Fenianos que pegaram o primeiro premio, quando todo mundo viu perfeitamente que só o carro-chefe dos Democraticos...

MARQUES REBELLO

DESENHOS DE J. CARLOS

A CASA E OS BRINQUEDOS DE SANTA THEREZINHA

A vivenda chamada dos Buissonets, em Lisieux, da familia de Santa Therezinha, em que ella passou a infancia e a adolescencia, cuidando das primeiras rosas.

Os Buissonets são rodeados de um jardim e de um pequeno parque. O jardim em que Therezinha brincava. Os gramados por onde ella corria. Nos fundos, ha um caramanchão com o pequeno altar em que ella fazia todos os annos um ingenuo presepio. Ha arvores e arbustos do tempo della. Escondido, entrego-me a esta commoção de furtar folhas, apezar das placas insophismaveis: "E' prohibido tocar nas plantas". Aspiro, deliciado, este ar brumoso de Lisieux, no jardim de Santa Therezinha. Esta hera que sóbe pelo caramanchão, por exemplo, foi plantada pela santa. A seiva que corre pela trepadeira existe porque a Santinha, ha muitos annos, fez um gesto: cobriu de terra um pequenino galho. Pensando estas doces cousas, vou guardando as folhas furtadas.

No jardim de Santa Therezinha, entre as roseiras e as glycinias que na primavera proxima se cobrirão de flores, fico de repente com o coração a bater, atraz do tronco de um salgueiro-chorão, a enfiar apressadamente no bolso os punhados de folhas: como si assaltasse uma joalheria. Depois, quando a filha do guarda dos Buissonets, fazendo tricô, passou perto de mim — estava desconfiada da minha demora entre os arvoredos — fiz um ar amavel, de contemplativo. Disfarcei:

— Delicioso isto, mocinha!

Ella fez que sim com a cabeça e passou. Tinha uma bocca vermelha, o labiozinho pendente, no esforço da attenção applicada ao tricô. Tive uma vontade aguda de provar o gosto daquelle labiozinho pendente. E murmurei, consciente da minha perdição irremediavel:

— Desgraçado! O inferno espera-te.

* * *

Estive sentado no pavilhão do jardim, em frente á casa. Meditei um quarto de hora na modernidade deste culto. Santa Therezinha é a santa por excellencia dos nossos dias. Outros santos, si quizermos visitar os logares em que viverem, nos obrigam a entrar em grutas, atravessar desertos, subir a montanhas, pelo menos percorrer humidos corredores de prisões e conventos lobregos, descer a catacumbas. Santa Therezinha offerece-nos uma casa bonita, uma casa em que a gente deseja morar. Os Buissonets têm todo o conforto moderno. Falta apenas uma garage. Casa de campo de um rico armador de Honfleur? De um negociante de cidra de Cherbourg? Ou simplesmente o retiro discreto de um general aposentado, após dez annos de campanhas numa colonia da Africa? Vivenda burgueza que evoca irresistivelmente um rendimento tranquillo, um juro razoavel...

Therezinha, menina e moça, roga ao pae permissão para entrar para o Carmelo. Esse monumento, em marmore, foi erguido no mesmo logar em que a Santa fez o pedido, no jardim dos Buissonets.

Distrahido, eu olhava a fachada, imaginando o vulto de Maria Francista Thereza Martin a surgir debruçada a uma janella, a apparecer numa porta, recriminando, risonha, o jardineiro...

A filha do guarda, com o tricô infinito, estava diante de mim outra vez.

— Não quer visitar os Buissonets por dentro?

O labiozinho mexeu uma porção de vezes, dizendo isso.

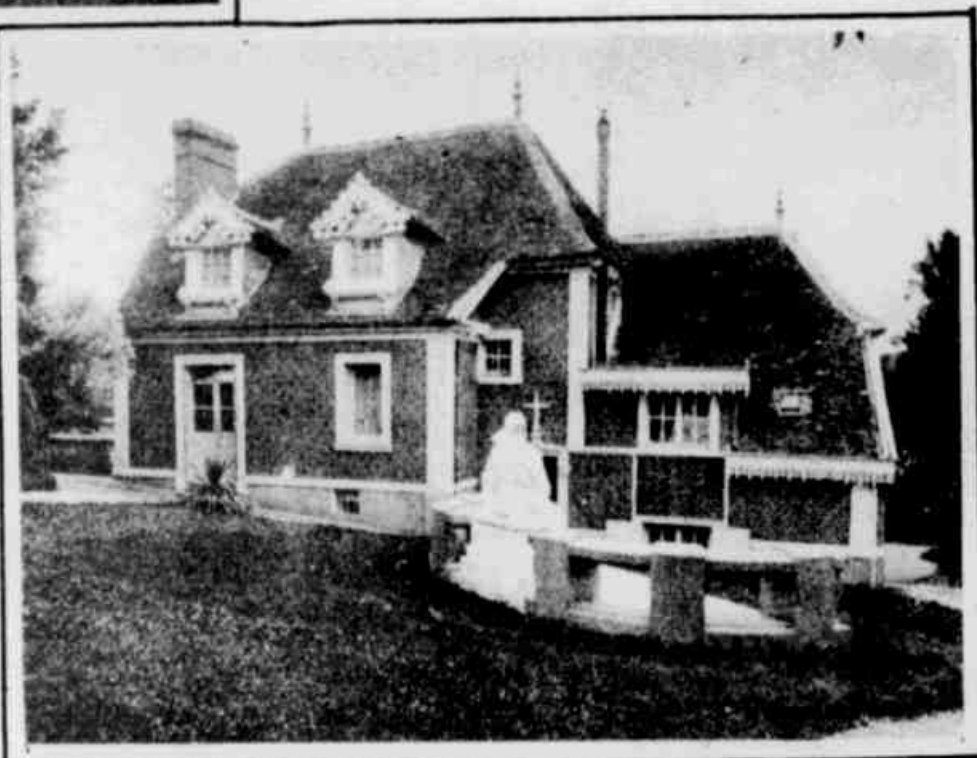
* * *

Está como no tempo da familia Martin. Entra-se pela antiga cozinha, em baixo, agora transformada em vestibulo. A velhota, mulher do guarda, exclama lá de dentro:

— Onde é que você poz o alpiste dos canarios?

— Um momentinho, perdão...

A mocinha do tricô, que vae mostrar-me a casa toda, sahe para ensinar á mamãe onde está o alpiste dos canarios. A familia, que toma conta dos Buissonets, mora no rez-do-chão. Essa actividade domestica enche de vida a chacara, que sem isso ficaria triste como um museu. Vem de lá de dentro um arrastar de cadeiras, um cheiro de comida na panella e o miado lamentoso de um gato. O meu guia voltou emfim.

Subimos aos compartimentos principaes, no primeiro andar. A sala de jantar tem uma paz de familia. Parece que a meza e as cadeiras esperam as pessoas

Os fundos da chacara dos Buissonets, entre arvoredos.

Essa gente hoje está tardando...

(*Termina no fim do numero*)

Concurso Internacional de Belleza

São photographias tiradas no salão de festas d'"A Gazeta", de Casper Libero, e nellas estão as paulistanas mais bonitas de todos os bairros. Uma dellas ha de ser "Miss São Paulo". No centro, as senhoritas Dulce Lepage, segunda da Consolação; Neyde Xavier, primeira de Santa Ephigenia, e Jahir Miranda, primeira do Cambucy.

As mais bellas de São Paulo

Que pensa dos vestidos compridos?

E' sem duvida encantadora a tarefa para esta pagina. São lindas as creaturas com quem se lida, interiores artisticos que se conhece, é com differentes moldes de intelligencia, de pontos de vista que se tem jogar, procurando, com o auxilio da memoria, trazer o mais fielmente possivel o que se ouviu, relatar, como impressionista, o que se admirou. Não ha asperezas no trabalho. Ha, apenas, o receio de se não transmittir palavra por palavra o conceito de outrem. Isso mesmo tem a sua desculpa. Não é da mesma maneira que dois julgadores julgam a mesma causa, e não sei bem onde li, mas li, que cada creatura, cada universo de ideas.

Deixo, porém, isto, que se vae tornando longo e pretencioso. O caso não é para philosophias e sim a palestra com uma artista de fama mundial, senhora de alta representação mundana. E' Gabriella Bezansoni Lage, o contralto que tem assombrado todas as platéas cultas do velho e do novo mundo, da Europa civilizada e das Americas. E' desta mulher fina e culta, que recebe com fidalguia e vive num ambiente espiritual de arte como num artistico ambiente material que é o seu palacio de Laranjeiras.

Laranjeiras e Botafogo contam, por excellencia, com ruas em que as residencias têm aspecto essencialmente senhorial. São as bellas casas de grandes jardins, ensombradas de arvores, canteiros floridos e pesadas grades de ferro separando-as da rua.

A de Gabriella Bezansoni Lage é na rua das Laranjeiras, bem proximo á Guanabara onde fica a residencia presidencial.

Uma escada de marmore e logo uma grande porta de bronze abre para mais alguns degráos tambem de marmore branco, e, immenso, guarnecido de fôfas poltronas e grandes sofás forrados de velludo de seda, tapetes e objectos de arte, como estatuetas, quadros, mesas de fino lavor, quadros devidos a modernos pinceis e ainda quadros antigos e de consagrados pintores, almofadas, o "hall" é confortavel e luxuoso. Ao fundo, na fórma de arco da parede que sobe, murando degráo por degráo a escada que dá accesso ao primeiro andar, uma porta de bronze de muito trabalho, separa uma pequena sala mobiliada com elegancia. A' direita, a sala de recepção e musica, toda dourada, e bellas cortinas de rendas verdadeiras. A' esquerda, aberta, tambem por larga porta para o "hall", que é a peça central, o salão de jantar, severo e principesco com os seus moveis antigos. A senhora Bezansoni é, além de amavel, muito simples. Recebeu-me vestida de crêpe branco, um vestido moderno, elegante, que lhe descia alguns centimetros abaixo dos joelhos, enfeitado apenas de pequenos babados plissados e orlados de azul, como o collar que lhe pendia do pescoço.

— Noto que aprecia os vestidos compridos...

— Adoro-os — respondeu, numa expressão de enthusiasmo a grande artista. — Já estavamos cansadas, nós, as mulheres, dos vestidos curtos.

Senhora Gabriella Bezansoni Lage na sua sala de estar.

Nunca lhes achei graça, nunca me senti bem num desses blusões fôfos e saias de cincoenta centimetros.

— Optimo. Está, pois, radiante com a innovação?

— Principalmente á noite. Quanto aborrecimento quando precisava de me vestir para uma recepção ou para o theatro! Aquellas couraças pejadas de vidrilhos, curtas pelos joelhos, inestheticas, davam-me a impressão de ligadura. Concorda commigo?

— Colho a sua opinião...

Neste interim chega o photographo. Pedi-lhe, então, algumas "poses" no esplendido scenario da sua casa. Acquiesceu promptamente, comtanto que lhe permittisse alguns instantes. Ia mudar de vestido. Não tardou a surgir de novo, ainda simples, mas muito elegante num vestido de crêpe estampado de preto e branco, collares. de perolas ao pescoço, argolas de perolas, meias côr de carne e sapatos de verniz com incrustações de "lézard". Foi, então, que se sentou no sofá do centro do "hall", para o primeiro retrato. Num gesto de amavel requinte quiz ser photographada lendo o "Para todos...". Sorrimos uma para a outra num sorriso de agrado e de sympathia. Depois, lhe pedi uma "pose" no salão principal. Postou-se ao lado do retrato da sogra. Emquanto a chapa estava em preparo, approximei-me do piano onde estavam retratos de reis e principes, figuras de destaque e de repercussão universal que enalteciam os predicados da notavel artista, em expressivas dedicatorias.

— A sua impressão do rei de Hespanha?

— A melhor possivel. E sabe que é homem de rara energia?

Colloquei o quadro de onde o tirara e tomei o da rainha da Hespanha. E a senhora Bezansoni Lage disse:

— E' das mais bellas mulheres que tenho conhecido.

— Que pensa de Mussolini?

— O que pensa toda a gente: uma vontade inquebrantavel, a expressão positiva do poder.

— Mussolini quer que as italianas só vistam roupas compridas e não desnudem braços e collo. Foi elle quem principiou a campanha contra as pernas de fóra... E Primo de Rivera?

Perdera-se a pergunta, porque o "magnesium" ia entrar em scena. Passámos, depois, á sala de jantar, onde elle se prestára a mais uma photographia. Terminada esta, sentámonos um instante a palestrar. Foi, então, que Gabriella Bezansoni me falou de quanto ama o Brasil:

— Sempre admirei o Rio de Janeiro, que é, sem duvida alguma, o mais bello panorama do mundo. E ainda não pensava de casar, quando tinha em mente residir aqui, no inverno, embora passasse o resto do tempo a cantar, desobrigando-me de contratos.

— E os brasileiros?

— Muito intelligentes, affaveis. Mas ainda ha muito que fazer pelo engrandecimento desta terra maravilhosa.

— Principalmente no que diz respeito á alphabetização, ao theatro, á educação artistica...

— Tem razão — tornou ella. — E até pensei em construir um grande theatro com escola de dansa, de musica e de cultura physica, para o povo principalmente, e espectaculos a preços populares, a preços de cinema. Sabe que a pessoa da mais modesta condição, aqui, não prescinde de ir ao cinema uma ou duas vezes por semana. Não vae ao theatro, naturalmente porque não lhe está ao alcance

Recanto da sala de visitas

NA BELLA VIVENDA DA RUA DAS LARANJEIRAS

Recanto da sala de jantar

da bolsa. No Municipal só os abastados...

— Ou os que se sacrificam...

— E' verdade. Mas o povo não póde frequentar o Municipal, e fica desconhecendo a boa musica, porque não póde gastar mais que uns parcos mil réis. Seria uma bella realização

Notei-lhe as unhas escarlates, de um escarlate vivo.

— Estão de uso, na Europa, para a tarde e para a noite. Pela manhã seria, tal moda, de muito máo gosto. Tanto que não tinjo as minhas senão á hora propria, e com um preparado que obtive por meio de amiga que veiu de Paris — disse a senhora Henrique Lage.

Tambem percebi que ella está deixando crescer os cabellos, já os prende no pescoço num feitio de coque muito gracioso, e, á frente, abre-os ao meio, penteando-os muito lisos para traz das orelhas.

— Pois é, tenho a coragem de deixar crescer os cabellos.

Quasi cinco horas. Chegavam algumas visitas. E, apezar da delicada insistencia de Gabriella Bezansoni Lage, sahi. Estava terminada a entrevista, mas ficára palpitante, viva, a impressão admiravel que ella me fizera.

ALBA DE MELLO.

Carro chefe ■ Bando do Rio Vermelho ■ Um dos carros

NA BAHIA

CARNAVAL

REGATAS

Um grupo de torcedoras durante as ultimas regatas, em 16 de Fevereiro; em baixo, duas das guarnições vencedoras.

MUSICA

Luciano Gallet..

Lorenzo Fernandez

A nossa penultima chronica, commentando e applaudindo a resolução municipal, que prohibiu a execução continua de discos, a titulo de reclame, no centro da cidade, écoou desagradavelmente entre os negociantes do genero, mas em compensação, valeu-nos por uma infinidade de felicitações de pessoas, como nós, interessadas na cultura da boa musica, infelizmente cada vez mais decadente entre nós.

Preliminarmente, devemos dizer que o aborrecimento dos commerciantes de discos não nos impressionou em absoluto. Afinal, elles são os unicos culpados da reacção municipal, porque abusaram incrivelmente da paciencia alheia. Estão, portanto, pagando a propria imprevidencia e arcando com as respectivas consequencias.

Quanto aos applausos que recebemos pela nossa attitude, devemos confessar, que, egualmente, não nos surprehenderam, pois que tinhamos, como temos a certeza de que o nosso protesto, como a nossa revolta, nada mais foram do que um reflexo da revolta e do protesto de todo o meio musical, onde os cultores da boa musica apreciam a decadencia da sua arte predilecta, sem, no fim de contas, ter para quem appellar.

Por isso mesmo, nos animamos a voltar ao assumpto, numa tentativa de reacção, que talvez ainda chegue a tempo de produzir os seus effeitos.

Sabe-se bem que as artes em geral, no Rio de Janeiro, atravessam um periodo agudo de crise, que não se sabe quando terá fim.

Mas em nenhuma dellas a crise foi tão forte nem a decadencia tão vertiginosa, como na musica, mercê da infiltração da musica popular, que a tudo vinha avassalando assustadoramente.

O maior culpado disso era, indiscutivelmente o commercio de discos. De manhã até a noite a musica popular dominava na cidade, propagando-se por toda parte, viciando os ouvidos da população, corrompendo o bom gosto do publico — e isso unicamente porque o negociante de discos, dominado exclusivamente pelos seus interesses commerciaes, não tinha tempo de reflectir no grande mal que estava fazendo para toda esta cidade.

Não era, porém, elle, o unico culpado da nossa decadencia em materia de musica. O commerciante de discos tinha, como tem, cumplices, nessa obra nefasta de destruição do bom gosto musical da população carioca. Esses cumplices são as sociedades de radio, que estão desvirtuando completamente os intuitos para os quaes devem ter sido fundadas. O radio como fonte de propaganda, ou é muito bom, ou muito máo.

Assim, a musica encontrou nelle o mais efficaz elemento que poderia desejar, para sua divulgação. Infelizmente, porém, entre nós, o radio deixou-se avassalar pela onda do mau gosto, e desvirtuou completamente os seus fins.

J. Octaviano

Não ha nenhum exaggero nessas palavras. As nossas sociedades de radio fundaram-se com intuitos educativos. Ellas, entretanto, são as maiores divulgadoras da musica popular, e ninguem dirá que, divulgar musica popular constitua tarefa artistica que recommende a ninguem.

Isso prova que as nossas sociedades de radio estão completamente desorientadas no seu programma. A qualquer hora do dia, da tarde ou da noite, que se ligue um receptor, ter-se-á sempre, invariavelmente, a mesma decepção. A musica que se ouve, quando não é o maxixe é o tango argentino — indesejavel na propria Argentina — quando não é o fox-trott. A boa musica só interessa ás nossas sociedades de radio numa proporção de cinco por cento, e isso mesmo de uma fórma toda especial. Effectivamente, sómente em alguns dias da semana, as sociedades de radio organisam o que ellas chamam "programmas do studio", mas esses mesmos só começam ás 9 1/2 da noite, isto é, quando já quasi toda gente pensa em ir dormir...

Fóra dahi, o que se ouve é o samba, o fox-trott, o tango! Ha occasiões em que é inutil procurar. Passa-se de uma estação para outra, sem que nenhuma se salve!

(*Termina no fim do numero*)

De Elegancia

AGORA é que parte? Supportou os mezes mais quentes só para os folguedos do carnaval. Brincou muito, dansou demais. Vestiu-se de "pierrette" e namorou um 'apache"; trajou-se de dama nobre da côrte Luiz XIV e ficou encantada com os galanteios de um turco; numa fantasia de oriental, seduziu um marinheiro e fez ciumes a um rato branco; depois, no ultimo dia, andou a intrigar conhecidos e desconhecidos num dominó de seda escarlate; á noite foi a mais admiravel "merveilleuse" que appareceu nos salões do hotel P.., e, mais tarde, naquelle baile onde as meninas de familia como você, bailam e flirtam sob a protecção de minuscula mascara de seda preta, um "loup" do tamanho de uma pollegada, dansou á farta.

Quarta-feira de Cinzas!

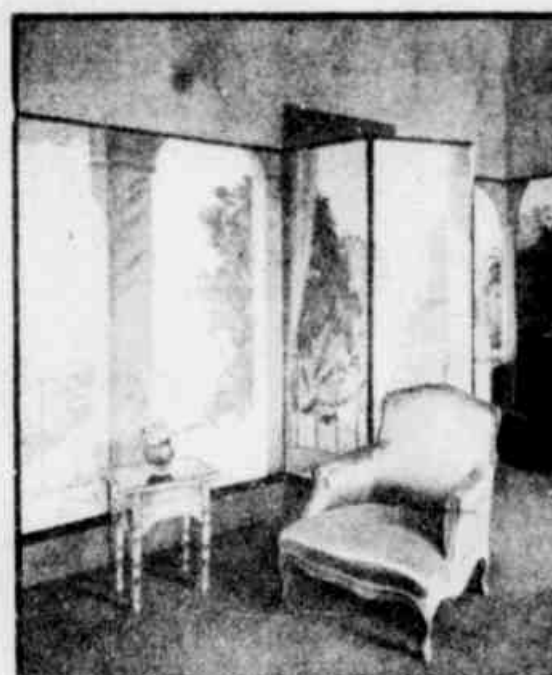
Foi á missa, ainda tonta de somno, e tratou de preparar as malas para a villegiatura. Elegante como é, arrumou uma serie de vestidos leves e alegres, claros e encantadores. Lá em cima, na serra, a vida ao ar livre requer a exhibição de muitos vestidos. Na praça, para as conversas matinaes, no tennis, nos chás, nos almoços, nos jantares, nas correrias de automoveis, tão na moda agora que as estradas favorecem tal sport, tres ou quatro vestidos não bastam. Muitos e variados, como tambem os de noite, para concertos improvizados, assustados ou mesmo bailes previamente annunciados. Vida movimentada, muito mais que a daqui. O clima benefecia taes folguedos. Dahi a impressão de que não existe cansaço. Assim, fez muito bem em levar o vestido de crêpe da China estampado de rosa e preto, golla e punhos de musselina rosa que tambem fórra a pequenina capa cortada em fórma; o "ensemble" de crêpe marroquino branco; o vestido de crêpe da China preto e blusa estampada de branco; e o "manteau" de "drap" preto como complemento, para dias mais frios; muito 'chic" e original o vestido de crêpe setim cinza feito do lado brilhante e incrustado do lado fôsco da fazenda; o

saia de "schantung" verde garrafa e blusa de crêpe verde malva; "tailleur" de tweed" "beige" e havana; vestido de crêpe branco guarnecido de pregas; um vestido de crêpe da China "beige" rosado e outro turqueza muito moderno com o feitio dos franzidos; um gracioso vestido de "jersey" vermelho e "beige"... Não ficou somente nisso: mais vestidos de dia, muitos para a noite, mais um costume de "tweed" para dias de chuva; lenços, "écharpes", bolsas muito trabalha-

das, chales, capas, chapéos, uma infinidade de chapéos... Até parece que você se muda de vez.

Ninguem supporá que, em meiados de Abril, voltará para a 'saison" daqui, a "saison" da Avenida, da Ouvidor, do "cocktail", das recepções, e da esperança que venha para o Municipal alguma companhia que faça lembrar ao carioca que theatro ainda existe...

Silhuetas elegantes: nos salões de A. Fadigas

Além dos figurinos de vestidos: biombo da princeza Jean-Louis de Fancigny-Lucinge, representando, em pintura, uma festa veneziana; e outro biombo tambem pintado, num canto do quarto da condessa de Polignac.

de *georgette* prata, todo plissado e orlado de "renard" cinza brilhante; crêpe da China limão, cinto de camurça havana, da mesma côr da capa guarnecida de astrakan na gólla e nos punhos;

SORCIÈRE

T R A G E S B O N I T O S P A R A A P R A I A

Maillots, pyjamas, outras fantasias. O carnaval passou. O calor ficou. Quem foi para a montanha deixou as mieas no Rio. Quem foi para a praia não fez vestidos...

Para as que veraneiam na serra

Frequentemente chove nas cidades serranas, como no norte, em determinada cidade chove ás duas horas, o que que dá logar ao: "até depois da chuva"... E ahi está um modelo elegantissimo em "Qtwold-jersey", a fazenda de successo no inverno, na Europa. O referido modelo em havana listrado de "beige" e forrado de "jersey" azul vivo do que é feita a blusa. Feltro verde e luvas "beige".

Cinzas

(FIM)

Tinha tudo e de tudo necessitava. A lembrança do lar em que nascera, se creara e educara em tão bons principios e cercada de tanto amor, cortava-lhe a alma como aculeos em braza. E não sabia explicar como e porque da noite para o dia mudara tão imprevistamente, a face da sua vida... E repetiu, vendo no espelho limpido e oval do guarda-casaca que as lagrimas humedeciam os seus olhos verdes:

— Sua vida...

Vida fôra a que ella gosara antes— antes daquella noite de Carnaval.

— Cinzas de vida, é que era.

E rolou na cama outra vez, chorando perdidamente.

CARLOS RUBENS

COMO CONSERVAR O CABELLO EM BOM ESTADO

Não importa que o seu cabello seja ruivo, negro, castanho ou de côr vermelha. Se quereis conserval-o abundante brilhante e em boas condições geraes deveis cuidal-o continuadamente. Muitas senhoritas descuidam por completo o seu cabello, crendo que mesmo assim elle sempre parecerá bem. Isto é absurdo. Vou dizer-lhes como eu trato o meu cabello. Antes de tudo, não deixo de escoval-o nem uma noite, por mais cansada que me sinta. Depois, cada duas semanas, lava-o bem, usando para esse fim uma colherada de stallax granulado dissolvido em agua quente, enxugal-o bem, depois, e seccando-o com toalha quente. O resultado é simplesmente maravilhoso.

A Causa Secreta

(FIM)

Fortunato cortou-a muito devagar, acompanhando a tesoura com os olhos; a pata cahiu, e elle ficou olhando para o rato meio cadaver. Ao descel-o pela quarta vez, até á chamma, deu ainda mais rapidez ao gesto, para salvar, se pudesse, alguns farrapos de vida.

Garcia, defronte, conseguira dominar a repugnancia do espectaculo para fixar a cara do homem. Nem raiva, nem odio; tão sómente um vasto prazer, quieto e profundo, como daria a outro a audição de uma bella sonata ou a vista de uma estatua divina, alguma coisa parecida com a pura sensação esthetica. Pareceu-lhe, e era verdade, que Fortunato havia-o inteiramente esquecido. Isto posto, não estaria fingindo, e devia ser aquillo mesmo. A chamma ia morrendo, o rato podia ser que tivesse ainda um residuo de vida, sombra de sombra; Fortunato aproveitou-o para cortar-lhe o focinho, e pela ultima vez chegar a carne ao fogo. Afinal deixou cahir o cadaver no prato e arredou de si toda essa mistura de chamusco e sangue.

Ao levantar-se deu com o medico e teve um sobresalto. Então, mostrou-se enraivecido contra o animal, que lhe comera o papel; mas a colera evidentemente era fingida.

— Castiga sem raiva, pensou o medico, pela necessidade de achar uma sensação de prazer, que a dôr alheia lhe póde dar: é o segredo deste homem.

Fortunato encareceu a importancia do papel, a perda que lhe trazia, perda de tempo, é certo, mas o tempo agora era-lhe preciosissimo. Garcia ouvia só, sem dizer nada, sem lhe dar credito. Relembrava os actos delle, graves e leves, achava a mesma explicação para todos. Era a mesma troca das teclas da sensibilidade, um dilettantismo "sui generis", uma reducção de Caligula. Quando Maria Luiza voltou ao gabinete, dahi a pouco, o marido foi ter com ella, rindo, pegou-lhe nas mãos e falou-lhe mansamente:

— Fracalhona!

E voltando-se para o medico:

— Ha de crer que quasi desmaiou?

Maria Luiza defendeu-se a medo, disse que era nervosa e mulher, depois foi sentar-se á janella com as suas lãs e agulhas, e os dedos ainda tremulos, tal qual a vimos no começo desta historia. Hão de lembrar-se que, depois de terem falado outras coisas, ficaram calados os tres, o marido sentado e olhando para o tecto, o medico estalando as unhas. Pouco depois foram jantar; mas o jantar não foi alegre. Maria Luiza scismava e tossia; o medico indagava de si mesmo se ella não estaria exposta a algum excesso na companhia de tal homem. Era apenas possivel; mas o amor trocou-lhe a possibilidade em certeza; tremeu por ella e cuidou de os vigiar. Ella, tossia, tossia, e não se passou muito tempo que a molestia não tirasse a mascara. Era a tysica, velha dama insaciavel, que chupa a vida toda, até deixar um bagaço de ossos. Fortunato recebeu a noticia como um golpe; amava deveras a mulher, a seu modo, estava acostumado com ella, custava-lhe perdel-a. Não poupou esforços, medicos, remedios, ares, todos os recursos e todos os palliativos. Mas foi tudo vão. A doença era mortal.

Nos ultimos dias, em presença dos tormentos supremos da moça, a indole do marido subjugou qualquer outra affeição. Não a deixou mais; fitou o olho baço e frio naquella decomposição lenta e dolorosa da vida, bebeu uma a uma as afflicções da bella creatura, agora magra e transparente, devorada de febre e minada de morte.

Egoismo asperrimo, faminto de sensações, não lhe perdoou um só minuto de agonia, nem lh'os pagou com uma só lagrima, publica ou intima. Só quando ella expirou, é que elle ficou aturdido. Voltando a si, viu que estava outra vez só. De noite, indo repousar uma parenta de Maria Luiza, que a ajudára a morrer, ficaram na sala, Fortunato e Garcia, velando o cadaver, ambos pensativos; mas o proprio marido estava fatigado, o medico disse-lhe que repousasse um pouco.

— Vá descansar, passe pelo somno uma hora ou duas; eu irei depois.

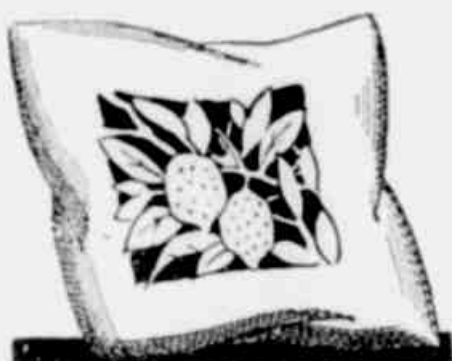
Fortunato sahiu, foi deitar-se no sofá da saleta contigua, e adormeceu logo. Vinte minutos depois acordou, quiz dormir outra vez, cochilou alguns minutos, até que se levantou e voltou á sala. Caminhava na ponta dos pés para não acordar a parenta, que dormia perto. Chegando á porta, estacou assombrado. Garcia inclinou-se ainda para beijar outra vez o cadaver; mas então não poude mais. O beijo rebentou em soluços, e os olhos não puderam conter as lagrimas, que vieram em borbotões, lagrimas de amor calado, e irremediavel desespero. Fortunato, da porta onde ficára, saboreou tranquillo essa explosão de dôr moral que foi longa, muito longa, deliciosamente longa.

Quando elle recobrara os sentidos, estranhara o local em que estava deitado. Não parecia uma enfermaria, não; não era numa cama que dormia. As pedras, em marmore branco, aqui, ali, acolá, despertaram-lhe mais os sentidos... E os cadaveres, um... dois... tres... fizeram-lhe horripilar a epiderme. E então recordou-se, vaga, muito vagamente: discutira com um desconhecido, que lhe vibrara um socco... Sentira uma picada de leve... e... de mais nada lembrava. E agora, agora estava na "morgue", ali no Instituto Anatomico. Para que? Certamente para servir de estudo a meia duzia de estudantes... E não poder mover-se... e não poder gritar... e não poder dizer que vivia... que não estava morto... que fôra apenas uma catalepsia... E os medicos... e os assistentes, com bisturis e ferros, já vêm vindo... já lhe riscam até o corpo... já começa a lição... E... e... até riem os microbios...

"Uma lição do curso de preparatorios"

sensacional conto de

RAUL DE FREITAS

que "O Malho" publica em sua edição de hoje, illustrado especialmente por Ehlert.

Bordado

Nas almofadas mais praticas e bonitas para sala de jantar são as de linho grosso bordados. A que aqui figura representa uma penca de limões bordado a Richelieu. Linho grosso côr de poeira e linha grossa brilhante, cuja côr ficará ao gosto de cada uma. O fôrro deve variar entre os tons de amarello e os de verde, que são, aliás, os mais adequados.

M U S I C A

(FIM)

E' o tango ! E' o fox-trott. E' o samba ! E quando não é isso, é o reclame insistente, que ninguem ouve, o reclame pago inutilmente, porque ninguem escuta, o reclame que serve de pretexto para que as "speakers" se exhibam, como se fossem figuras importantissimas nos programmas, — o reclame, emfim, que a irreverencia de alguns "speakers" chega ao cumulo de fazer, ao virar um disco, cortando assim ás vezes a execução primorosa de uma pagina de boa musica.

E' evidente que a consequencia de tudo isso que ahi fica relacionado não poderia ser outra: a decadencia da musica entre nós, graças ao commercio de disco e ás sociedades de radio, que desvirtuaram os seus fins. Não se trata, porém, de um mal irremediavel. O abuso do commercio de discos já desappareceu. E' um elemento pernicioso de menos. Resta agora que as sociedades de radio tomem uma attitude diversa, procurando tornar-se effectivamente uteis e necessarias.

Ninguem quer que a musica popular desappareça. Quer-se apenas que ella seja dosada nos programmas de radio, onde todos devem ter o seu logar. Um simples accôrdo entre as sociedades de radio resolverá o caso. A propaganda deve ser, em primeiro logar, da boa arte. O resto é secundario. E só assim o radio attingirá, entre nós, a sua finalidade e poderemos acreditar no proximo fim dessa crise horrivel que nos apavora !

A casa e os brinquedos de Santa Therezinha

(FIM)

Os moveis não são de arte, mas respondem á necessidade de gosto dos interiores patriarchaes em que não ha tribulações de dinheiro.

A lição de Santa Therezinha penetra profundamente, mesmo quando se percorre esta casa burgueza.

A lição de Santa Therezinha: a simplicidade. Nenhum drama. Nenhuma emphase na vida, ou nas obras. Infancia que não soffreu, adolescencia que não soffreu, mocidade que seguiu a vocação despertada cedo. Foi para o Carmello, como outras vão para uma universidade, ou para um escriptorio.

No prefacio da "Historia de uma alma" conta-se que um padre quiz convencer o papa Pio X de que "não havia nada de extraordinario na existencia de Therezinha do Menino Jesus". Fazer santa uma mocinha que não praticára "nada de extraordinario"! (Bernardette Soubitous, em Lourdes, pelo menos tivera a graça de ver dezoito vezes a Immaculada Conceição. Comprehendo perfeitamente os escrupulos do sacerdote oppositor). Porém, Pio X deu ésta resposta: "Ah, o que ha de mais extraordinario nessa alma, é precisamente sua extrema simplicidade! Consulte a sua theologia".

A mocinha do tricô vae na frente, recitando informações numa voz monotona. Sabe de cór o seu officio, tem a verbosidade mechanica dos guias. Apercebo-me, ao fim de alguns minutos, de que não entendi nada do que ella veiu dizendo desde que subimos, occupado como estou com as minhas reflexões e o meu prazer. Tambem não tenho coragem de pedir-lhe que se cale: o labiozinho podia cahir, num muchôcho.

Do quarto de Santa Therezinha, que agora é uma capella, passo para a sala em que estão os seus brinquedos. Entro só. Uma luz diffusa, atravez das cortinas da vidraça, clareia mal este compartimento enternecedor. Nem na propria capella senti um recolhimento tão profundo. E' tocante, esse amontôo de livros de escola, de albuns de figuras, de brinquedos de pão e de folha. Uma boneca, um bercinho de boneca, uma gaiola, a corda em que Maria Francisca pulava, um navio a vela, um taboleiro de jogo de damas, um fogãozinho, caixas de papelão... Os objectos de escola: caneta, tinteiro, mata-borrão... Os livros: um atlas, uma "Petite Geographie"... Penso que foi ahi, nesse compendio de geographia primaria e nesse atlas elementar, que Maria Francisca aprendeu onde ficava o Brasil, o paiz com que depois sonhava, no leito de tysica, tossindo, fraquinha, com frio, desejando o sol...

Desço ao vestibulo. A mocinha está á minha espera e offerece-me cartões postaes, folhetos, retratos. Emfim, é preciso ganhar a vida. Mas, é incommodo este balcão de lembranças dentro da casa de Therezinha. O tricô contínúa crescendo nas mãos ageis, a bocca recita os preços, o pensamento de certo está distante... Onde estará o pensamento desta mocinha?

Atravesso o jardim, ganho o portão. Olho para traz: ella veiu á porta, espicha a cabeça para ver-me desapparesr na rua...

Adeus, labiozinho vermelho.

RIBEIRO COUTO

Officinas Graphicas d'"O MALHO"